

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM
GEOGRAFIA

Pichadores de rua, territorialidades urbanas em conflito:
territórios (in)visíveis de Goiânia

José Renato Masson
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Geralda de Almeida

Goiânia
2005

JOSÉ RENATO MASSON

Pichadores de rua, territorialidades urbanas em conflito:
territórios (in)visíveis de Goiânia



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES
E
DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	José Renato Masson		
E-mail:	joserenatomasson@yahoo.com.br		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não			
Vínculo empregatício do autor			
Agência de fomento:		Sigla:	
País:	Brasil	UF:	GO
		CNPJ:	
Título:	Pichadores de rua, territorialidades urbanas em conflito: territórios (in)visíveis de Goiânia		
Palavras-chave:	Pichação, Território, Territorialidade, Identidade e Urbano		
Título em outra língua:	Street Taggers, urban territoriality in conflict: visible and invisible territories of Goiânia.		
Palavras-chave em outra língua:	Pitch, territory, territorially, identify and urban		
Área de concentração:	Geografia Urbana		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	10/06/2005		
Programa de Pós-Graduação:	Mestrado em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás		
Orientador (a):	Dr ^a . Maria Geralda de Almeida		
E-mail:	mgdealmeida@gmail.com		

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [] SIM [] NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

/ _____

Assinatura do (a) autor (a)

Data: ____ / ____

JOSÉ RENATO MASSON

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Pichadores de rua, territorialidades urbanas em conflito:
territórios (in)visíveis de Goiânia

Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Urbana

Orientadora: Maria Geralda de Almeida

Goiânia

2005

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG**

M419p	<p>Masson, José Renato. Pichadores de rua, territorialidades urbanas em conflito [manuscrito] : territórios (in)visíveis de Goiânia / José Renato Masson. - 2005. 107 f. : il.</p> <p>Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Geralda de Almeida. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2005. Bibliografia. Inclui lista de ilustrações.</p> <p>1. Pichação – Território – Goiânia (GO). 2. Pichação – Territorialidade – Goiânia (GO). 3. Pichação – Identidade – Goiânia (GO). I. Título.</p> <p>CDU: 911.3:316.48</p>
-------	--

**Pichadores de rua, territorialidades urbanas em conflito:
territórios (in)visíveis de Goiânia**

Dissertação defendida e aprovada em 10 de junho de 2005.

Pela Banca Examinadora constituída pelos professores,

Professora Dr^a. Maria Geralda de Almeida
Presidente da Banca

Professor Dr. Miguel ângelo Ribeiro
Membro da Banca

Professora Dr^a. Lana de Souza Cavalcanti
Membro da Banca

Goiânia
2005

DEDICATÓRIA

À minha esposa, pessoa maravilhosa que a cada dia admiro e respeito mais. Pelas suas palavras de amor, carinho, paciência e estímulo. Pela sua compreensão com os meus “abandonos”. Aos meus pais, que deixaram uma herança a seus filhos: uma boa educação.

AGRADECIMENTOS

A professora e orientadora dessa dissertação, Maria Geralda de Almeida, pelo zelo, paciência, confiança e dedicação durante todo o período de realização da mesma. Obrigado pelo carinho.

Aos professores João Alves de Castro e Márcia Alencar Santana que sempre estimularam a busca pela Geografia.

Aos professores e funcionários do Mestrado que ajudaram na realização do Mestrado.

Aos amigos e colegas do Mestrado, que sempre estiveram prontos a ajudar nas dificuldades do caminho.

RESUMO

Os pichadores introduzem na paisagem urbana, principalmente das médias e grandes cidades, suas pichações ansiando demarcar territórios, agredir a paisagem urbana e provocar grupos rivais. As pichações não podem ser entendidas, apenas, como atos de vandalismo, elas procuram fazer presentes no cotidiano da cidade, (re)presentando e (re)ssignificando a paisagem. Movimento surgido nos guetos urbanos do Bronx nos EUA disseminou pelo mundo. Em Goiânia existem diversas “galeras” que podem ser categorizadas em dois tipos. No primeiro, membros de torcidas organizadas de futebol rivais que disputam o espaço da metrópole para fazer apologia a sua agremiação e denegrir o rival, a TEV (Torcida Esquadrão Vilanovense) e FJG (Força Jovem do Goiás). E os grupos de bairro, como MGC (Moleques Grafiteiros do Criméia), BF (Bairro Feliz), UPS (União dos Pichadores Skatistas), etc. Estes grupos demarcam o seu território frente aos adversários exercendo territorialidade sobre uma área. Ao mesmo tempo, constituem uma identidade própria que insubmetem e contrapõem-se aos ditames convencionais do urbano. A Geografia não pode abster-se da compreensão deste fenômeno que envolve diretamente categorias de análise geográfica, como território, territorialidades, identidade e urbano.

PALAVRAS CHAVES: PICHANÇA, TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE, IDENTIDADE E URBANO.

ABSTRACT

The street pitchers, look for the introduction, especially in big and medium sized cities, of their pieces of graffiti, willing to demarcate territories, attack the urban scene and provoke the rival groups. The pitch can not be understood as an act of vandalism: they mean to be present on the city's routine, "re"presenting and signifying again the scenery. The Movement cropped up in Bronx's urban ghettos, USA, spreaded out around the world, and in Goiânia, there are many "goups", that can be categorized in 2 types. In the first one, members of groups of rooters, compete with each other around the metropolis signing the acronyms TEV (Torcida Esquadrão Vilanovense) and FJG (Força Jovem de Goiás). And the neighbourhood groups, like the MGC (Moleques Grafiteiros do Criméia), BF (Bairro Feliz), UPS (União dos Pichadores Skatistas), etc. This groups search for the demarcation and the consolidation of the territory facing off the opponent, exerting territoriality, over a specific area. At the same time, they constitute a self identify, with the intention to put down and to oppose to the conventional urban patterns. Geography must not abstain itself from the comprehension of this phenomenon, once this understanding straightly involves the categories of geographical analysis, such as territory, territoriality, identity and urban.

KEY WORDS: PITCH, TERRITORY, TERRITORIALITY, IDENTITY AND URBAN.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 01 – Sigla de um grupo “Demônios da Zona Sul”	027
Figura 02 – Exemplos de alfabeto, fornecido por “Ghost”	031
Figura 03 – Na vertical a sigla do grupo “MAG” e na horizontal os nomes dos pichadores e a sigla FJG	032
Figura 04 – Pichação do BCO (Bombados do Criméia Oeste) anulada	033
Figura 05 – Pichação da FJG da 38ª legião anulada pela TEV	039
Figura 06 – Palavra território e a sigla BCO	053
Figura 07 – Pichação do grupo BCO	054
Figura 08 – Boutique de alto poder aquisitivo “Foda-se as madames”	060
Figura 09 – Ação dos pichadores em marquise de uma academiia	062
Figura 10 – Violência estilizada contra membro da TEV	063
Figura 11 – Área metropolitana de Goiânia – 2005	079
Figura 12 – “Cervolão”, realizado em 06/11/2004	083
Figura 13 – Festa em uma chácara no setor Jardim Novo Mundo	084
Figura 14 – Setores de atuação da UPR – 2005	089
Figura 15 – Parede Setor Universitário	094
Figura 15 – Parede da Anatel no setor Marista	096

TABELAS

Tabela 01 – Siglas dos grupos de Pichadores e significados	070
Tabela 02 – Situação escolar dos jovens de Goiânia	091
Tabela 03 – Situação dos jovens de Goiânia em relação ao trabalho	091
Tabela 04 – Renda mensal individual dos jovens do município	092
Tabela 05 – Formas e frequência de diversão	093
Tabela 06 – Expectativa dos jovens sobre o futuro	095

SUMÁRIO

	Pág
RESUMO	007
ABSTRACT	008
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	009
INTRODUÇÃO	011
1 PICHAR É “ZOEIRA”	018
1.1 Pichação	019
1.2 “ <i>Pichação é fogo</i> ”	027
1.3 “ <i>Ah Neim! Cê vai deixar um comédia tirar com você?</i> ”	034
2 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES DOS GRUPOS DE PICHADORES	047
2.1 A passagem: procura-se a Geografia	047
2.2 Território: uma categoria polissêmica	054
2.3 Territorialidades dos pichadores	057
2.4 A minha Galera	064
3 “GOIÂNIA NÓIS MANDA! NUM TEIM PÁ NINGUÉM”	073
3.1 O urbano e Goiânia	074
3.2 MetrÓpole: contradições	077
3.3 União dos Pichadores de Rua	087
3.4 Os jovens da prefeitura e os jovens da UPR	090
CONSIDERAÇÕES FINAIS	097
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

Introdução

A Geografia possui, simultaneamente, diversas correntes do pensamento geográfico. Estas correntes apresentam concepções filosóficas e metodológicas, muitas vezes, antagônicas. Buscar uma coesão do discurso geográfico é uma tarefa árdua e em alguns quesitos, infrutífera. Exemplificando esta divergência, na Geografia denominada humanista ou humanística, “há aqueles que se posicionam em favor de uma concepção materialista e aqueles, ao contrário, que retomam os argumentos do idealismo. Há os que aceitam uma subjetividade deliberada dos processos cognitivos e aqueles que a refutam” (GOMES, 1996, p.306). Se a Geografia, no todo, enfrenta estas dualidades de concepção, suas categorias de análise não ficariam imunes a este fenômeno.

A opção por uma das escolas geográficas nesta dissertação, caminha em encontro ao objeto, pichadores de rua de Goiânia. Por se tratar de um objeto fundamentalmente explicado através das relações, no seu processo tempo e espaço e na abordagem que se pretende é facilitada pela Geografia Humanista. Para Capel, a Geografia Humanista,

Se trata de un movimiento que destaca los aspectos humanos – antropocêntrica la denominan algunos – en lo que tienen de más específicamente «humano», es decir, los significados, valores, objetivos y propósitos de las acciones humanas² (CAPEL, 1981, p.442).

² Trata-se de movimento que destaca os aspectos humanos – antropocêntrica denominam alguns – no que tem de mais especificamente «humano», ou seja, os significados, valores, objetivos e propósitos das ações humanas. Tradução do autor.

Convém destacar que a abordagem escolhida não exclui as demais, apenas cria um norte, um rumo, para que não gere um redemoinho conceitual sobre a categoria, de pouca validade acadêmica.

A dissertação apresentada tem como tema **pichadores de rua, territorialidades urbanas em conflito: territórios (in)visíveis de Goiânia**. Os grupos de pichadores marcam a paisagem com suas pichações que, muitas vezes, são consideradas, apenas, como atos de vandalismo, portanto, fenômenos não cognoscíveis e merecendo a peculiar repressão do Estado, ou no máximo, uma proposta de educação para extinguir suas pichações.

As inscrições são manifestações que acompanham o homem desde seus primórdios, as pinturas rupestres são a evidência desta situação. Através das pinturas se registravam situações do cotidiano, manifestações artísticas e inscrições aleatórias difíceis de explicá-las.

As inscrições contemporâneas que ocorrem na metrópole podem ser categorizadas em publicitárias, políticas-partidárias, afetivas e, as herméticas. As publicitárias, normalmente, são autorizadas pelo proprietário do imóvel e anunciam produtos ou eventos. As políticas-partidárias fazem propagandas de candidatos ou movimentos contestatórios de movimento social. As afetivas apresentam mensagens para alguma pessoa ou grupo específico, como, declarações de amor, parabenizando por alguma conquista. E, as herméticas, que representam o universo de estudo desta pesquisa. São nominadas de pichações, realizadas por grupos de jovens, que se denominam “galeras”. De

acordo com a pesquisa realizada³, na metrópole em questão, existem mais de 60 grupos já reconhecidos.

Através de relações simbólicas, visíveis e invisíveis, cada grupo possui uma singularidade que lhe é pertinente e que acaba desenvolvendo uma identidade que lhe difere do outro – no caso em questão, outro grupo de pichadores. Esta identidade apresenta diversas facetas, dentro de uma análise preliminar, como roupas, estratégias de pichação, forma de grafia, entre outras. Castells (1999) denomina de Identidades territoriais, pois são manifestações de identidades peculiares ao indivíduo, que produzem identificação no território e que acaba por construir um território próprio. O desvelamento da categoria analítica de Identidade urge na apreensão do objeto.

Além da identidade, estes grupos se aliam e rivalizam em disputas territoriais, nas quais as pichações são os traços mais visíveis destas disputas. Neste sentido, a territorialidade representa as estratégias e ações visando a conquista ou manutenção do território, os grupos de pichadores se conflitam pela disputa do território, especificamente, o urbano. É pertinente neste sentido, uma diferenciação entre o conceito de cidade e urbano. A cidade representa toda a possibilidade material das relações sociais contidas nela, enquanto o urbano, trata-se das próprias relações sociais que, inclusive, produzem a materialidade da cidade. Cavalcanti (2001), apresenta a cidade como a forma e o urbano, o conteúdo, destacando que existe uma precípua relação entre a cidade e o urbano. É necessário, então, reconstruir o território em uma perspectiva do vivido, do singularismo de cada grupo de pichação. As

³ Através de entrevistas semi-dirigidas foram solicitados aos pichadores que citassem os grupos de pichadores que cada um conheciam.

variáveis externas que influenciam e ou constroem o vivido devem ser levadas em consideração para a compreensão do urbano específico. Também, surge a necessidade de discutir estas duas categorias anteriores, inseridas em uma perspectiva geográfica, território e territorialidade, mais especificamente, dentro de uma abordagem da Geografia humana.

A pichação, a identidade, o grupo, o território, a territorialidade que constroem a identidade territorial se imbricam produzindo uma metrópole, um urbano, uma Goiânia.

Estrutura do trabalho

Para a constituição deste trabalho, o mesmo foi dividido em duas partes que ocorreram de forma simultânea. A primeira representa um aporte teórico das diversas facetas necessárias para o desenvolvimento da dissertação. E a segunda, trata-se de uma pesquisa de campo com pichadores de vários grupos que agem em Goiânia.

A primeira parte visa discutir um levantamento bibliográfico e a análise e construção teórica de uma fundamentação para a compreensão do tema. Neste sentido, enfoca-se as pichações, sua origem, evolução e caracterização. Também, ocorreu a necessidade de refletir sobre a identidade enquanto formação do sujeito pichador e o grupo de pichação. Decorrente desta análise da identidade algumas reflexões são feitas para grupo.

Além disso, aborda-se a categoria território do ponto de vista epistemológico e a constituição do mesmo, através das territorialidades

exercidas. Finalmente, busca-se desenvolver uma análise teórica para o urbano, que referenda a constituição deste em Goiânia. No que tange ao universo misterioso dos pichadores. Do mistério ocorre a necessidade do desvelamento do urbano. O analisar/analizando do repressivo versus o transgressivo. A descoberta da violência, a cotidianidade das relações, o explicar a rua, fenômenos da metrópole. Que ultrapassam as formas, as aparências. É explicar o vivido, o simbólico.

A segunda parte, tratou-se sobretudo de dados empíricos obtidos em campo com o propósito de identificar grupos de pichadores, na cidade de Goiânia, na busca de relacionar a formação de identidades territoriais de tais grupos e a constituição recíproca entre estes e a paisagem urbana. Como não existem dados científicos sobre os grupos de pichadores, nem na quantidade de grupos e dos respectivos membros, que agem em Goiânia. A amostra utilizada foi a não probabilística acidental, na qual se observou a preocupação com a correta interpretação dos dados para que não ocorram distorções que possam afetar os resultados.

Para tal compreensão, dados foram coletados, a partir de entrevistas semi-estruturadas a membros de diversos grupos de pichadores. Este sistema de entrevistas permite uma maior flexibilidade no tocante a informalidade necessária para deixar os membros mais receptivos a pesquisa, “sua flexibilidade possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores” (LAVILLE; DIONE, 1999, p.189).

Pela dificuldade da obtenção dos dados, já que a atividade de pichação é considerada como ato ilícito pelo poder público, diversas formas de entrevistar os pichadores foram utilizadas: conversas informais que, posteriormente, foram transcritas, utilização de gravador quando autorizado e até mesmo a internet através do “*messenger*”. Interessante observar que esta última maneira foi bastante positiva. Ela permitiu um aprofundamento de questões que não vinham a tona nas formas anteriores. Talvez o distanciamento que a internet propicia do entrevistado e entrevistador gerou respostas mais contundentes sobre drogas, relacionamentos sexuais e outros atos. Nesta etapa foram entrevistados vinte sete membros de grupos de pichadores, destes, dez estão citados na dissertação. Para estes, foram criados apelidos que não o pusessem em risco frente aos seus pares e a repressão do Estado.

E por último, ocorre a análise desses dados envolvendo o aporte teórico do material bibliográfico previamente selecionado, que se refere direta ou indiretamente ao referido tema. A escolha foi depositada nas categorias: identidade, território, territorialidade e grupo. Permeando estas categorias, perpassa o urbano nas suas relações sociais.

Estrutura dos capítulos

O primeiro capítulo objetiva apresentar as pichações e discutir a formação da identidade dos jovens, mais especificamente, dos pichadores. É analisado o surgimento, evolução das pichações no mundo, no Brasil e em Goiânia. É apreendida a caracterização da pichação em seus diversos aspectos e discute-se a marginalização da atividade pela sociedade. A reflexão sobre identidade é necessária para compreender a constituição da juventude na sociedade contemporânea e as ações peculiares dos jovens, mais especificamente dos pichadores, frente a esta sociedade.

O próximo capítulo discute os conceitos de território, territorialidade e grupo. O desenvolvimento teórico destes conceitos vem acompanhado com um referendo das ações dos pichadores, através do depoimento de diversos membros de grupos que agem em Goiânia.

O terceiro capítulo é iniciado com uma abordagem teórica sobre o urbano e a ação dos pichadores sobre o mesmo. Além disso, foi selecionado um grupo de pichador – União dos Pichadores de Rua – e comparado seu comportamento com dados obtidos de uma pesquisa da prefeitura municipal de Goiânia, intitulada de “Perfil da Juventude Goianiense”, realizada entre junho e julho de 2001.

As considerações finais desenvolve um olhar reflexivo sobre a pichação, os grupos de pichadores, suas territorialidades, a formação dos territórios e a relação destes com o urbano.

Capítulo 01 – Pichar é “zoeira”

Vários muros de Goiânia são “presenteados” por inscrições, denominadas pichações. Estas estão presentes, também, em outras metrópoles e cidades grandes e médias do Brasil, fenômeno que se repete pelo mundo. A proposta deste capítulo é analisar as pichações e os grupos que fazem parte deste movimento, buscando utilizar a categoria identidade como instrumento de compreensão da dinâmica dos pichadores e seu universo próprio. A partir desta dinâmica, que pode ser considerada como a micro-estrutura dos grupos de pichadores caminhar-se-á para o externo, no qual a categoria território, bastante utilizada pela geografia, permitirá a junção do plano interno com o urbano, neste caso a metrópole e a sociedade de Goiânia.

Os pichadores inserem-se na paisagem urbana como forma de (re)presentar e (re)significar a cidade, principalmente nas cidades grandes e médias. “Não é por acaso que a pichação surge e se intensifica nos grandes centros urbanos, mesmo nos países menos desenvolvidos. A pichação aparece como uma das formas mais suaves de dar vazão ao descontentamento e à falta de expectativa” (Gitahy, 1999, p.24).

Estes grupos de pichadores buscam demarcar e consolidar o território frente aos adversários⁴ e para tal, exercem territorialidade sobre uma área. Ao mesmo tempo, constituem uma identidade própria que procuram subverter e contrapor-se aos ditames convencionais do mundo urbano. Para tal, utilizam-se de uma simbologia própria e quase sempre apenas reconhecível pelos *insiders* (outros pichadores), enquanto os *outsiders*, os consideram como vândalos e marginais.

⁴ Os adversários são considerados todos aqueles que se colocam contra os pichadores ou ao seu grupo específico. Contra os pichadores está a polícia, o dono do muro. Do seu grupo específico são adversários os outros grupos de pichadores.

1.1. Pichação

A pichação é uma manifestação territorial exercida pelos diferentes grupos de pichadores face ao cotidiano da cidade. A compreensão desta é necessária para possibilitar o desvelamento das territorialidades exercidas pelos diferentes grupos de pichadores. Aliado aos fatores externos que atuam sobre o território, a pichação – manifestação visível da atuação dos pichadores – representa uma parcela que constitui o urbano. Os Grupos de pichadores fazem parte do mundo simbólico da cidade e que se mantém a margem do estudo geográfico.

A “marginalidade” do tema pode ser compreendida, primeiramente pela própria dificuldade de acesso aos grupos de pichadores que vêem qualquer agente externo como seu inimigo. Em segundo, está a resistência de uma parcela significativa da geografia brasileira em elaborar estudos na área da geografia cultural. Corrêa corrobora esta afirmativa, “poucos são os estudos que, efetivamente, podem ser caracterizados como focalizados fundamentalmente em um aspecto da cultura em sua dimensão espacial” (2001, p. 208 e 209).

A pichação, portanto, não é o objetivo primordial deste enfoque, mas, ponto de partida para que a Geografia possa dar significação à mesma no plano do vivido.

Lara (1996) distingue cinco formas de inscrições urbanas na metrópole de São Paulo: inscrições publicitárias, panfletárias, latrinárias, grafitegem e

pichação. As inscrições publicitárias podem ser desde uma pintura em um muro, fachada de um ponto comercial até em “outdoor”. As panfletárias procuram fazer apologia de determinada visão particular do mundo, podendo ser política, poética, filosófica ou religiosa. As latrinárias reproduzem desenhos, frases de cunho sexual ou humorístico, bastante presente nos banheiros públicos. A grafiteagem difere da pichação devido a forma de inscrição. A pichação utiliza-se de inscrições lingüísticas, enquanto a grafite usa o desenho como forma de manifestação.

A origem da pichação remonta os primórdios da humanidade, com as representações marcadas nas cavernas do mundo pré-histórico. As inscrições rupestres estruturavam o real e o imaginário, mostravam pessoas, plantas, animais e ferramentas do cotidiano. Além do real, o imaginário se fazia presente através dos seres idealizados, da mitificação dos fenômenos da natureza, da representação dos seres criados e de uma possível tentativa comunicacional através de símbolos inscritos nas cavernas. Mesmo uma construção simplista do território se fazia presente, através da representação de áreas que faziam parte do cotidiano dos homens, como seus locais de caça, cerimônias festivas.

Na Antiguidade, a escrita possibilitava ao iniciado deter o poder, pois era capaz de estabelecer as leis, as normas e códigos religiosos. Também servia como instrumento de contestação, Lara sugere que,

Muitas inscrições, geralmente anônimas e feitas nas paredes e colunas de áreas públicas, quebravam os meios de comunicação das elites, comentando com ironia as campanhas eleitorais ou os personagens da política. (1996, p. 34).

Durante a Idade Média, as diferentes formas de inscrição eram controladas pela Igreja (as que fugiam ao controle da igreja eram denominadas hereges, como os rituais dos druidas), “assim como as igrejas e mosteiros eram os guardiões da escrita. Neles não penetravam as obras profanas, que ficavam restritas às ruas e tavernas” (p. 35).

Com o advento do Renascimento, o monopólio da Igreja passa a ser subvertido, as diferentes formas do conhecimento passaram a contar com um novo agente detentor de poder, a burguesia. Esta nova classe competiu com as duas já estabelecidas, o clero e a nobreza. Esta nova fase representa uma massificação da cultura que cada vez mais se utiliza instrumentos, máquinas e ferramentas que permitem a repetição do conhecimento. São as bases primordiais do próprio capitalismo. Da evolução do renascimento surge a indústria e a urbanização que passam a ser os elementos norteadores da sociedade contemporânea, visando a produzir uma cultura massificada e fragmentada. O mesmo autor argumenta que,

A escrita, o livro, o disco, o cinema acompanharam a velocidade e multiplicaram o imaginário do homem: este perdia o controle e já temia os efeitos de suas descobertas. Sua identidade dissolveu-se na massa de consumidores urbanos. A velocidade da máquina, do carro, tiveram um efeito devastador sobre as artes. As novas formas de comunicação eram mais rápidas e mais populares que a representação da pintura. O quadro teria que envolver mais o espectador. Os dadaístas começaram a fazer performances em seus agitados cafés, misturando teatro, música e máquinas barulhentas com um pouco de loucura. A velocidade e a cinestesia estavam presentes na ordem do dia. (p. 32 e 33).

Aliado aos dois elementos norteadores já explicitados surge um terceiro, os meios de comunicação. Que continua a contribuir para que o indivíduo se transforme no consumidor ideal. As possibilidades no/do mundo se tornaram

cada vez mais elásticas, as fronteiras se alargaram. A televisão, a internet, o satélite, enfim as tecnologias procuram produzir um cotidiano globalizado. Assim, na contemporaneidade, as inscrições passaram a ter também uma função comercial, pois os espaços públicos se tornam cada vez mais escassos e as inscrições são postas nos pontos comerciais como forma de divulgação dos produtos. Anteriormente, as inscrições serviam para dar reconhecimento ao indivíduo, como forma de materializar o imaginário.

É interessante observar que se evidencia uma tentativa de contrapor-se a esta massificação da cultura. Os indivíduos em seus diferentes grupos sociais recebem a mesma mensagem, mas a interpretam de forma diferenciada. Para Cuche, “eles não assimilam passivamente os programas divulgados. Eles se apropriam deles, reinterpretam-nos segundo suas próprias lógicas culturais” (1999, p.159). Criam-se formas de subversão a cultura massificada.

Uma das formas de subversão a esta cultura massificada foram as pichações, com seus códigos e símbolos que não visavam a compreensão de todos, mas que tornava a comunicação restrita aos participantes

Como movimento organizado da sociedade contemporânea, a pichação iniciou-se – final dos anos 70 do século XX – nos Estados Unidos da América com gangues juvenis de rua do bairro Bronx em Nova Iorque que utilizavam as pichações como forma de demarcação dos seus territórios e crítica ao sistema econômico vigente. Arce confirma a origem desta pichação contemporânea,

Iniciado em Nova York há duas décadas e meia, essa nova forma de uso dos espaços públicos foi desenvolvida de maneira importante por jovens afro-americanos e latinos norte-americanos, os quais

causaram impacto na opinião pública por seu profuso desenvolvimento, intrigavam a sociedade global por seus códigos cifrados, indignaram os setores médios e altos por seu desafio à propriedade privada e por sua atitude iconoclasta. (1999, p.126)

Na realidade brasileira as pichações se iniciam na década de 1980, sem os traços incognoscíveis presentes nos bairros de Nova Iorque. Era uma fase romântica da pichação que procurava demonstrar frases de protesto ou humor; geralmente, as pichações eram feitas por um indivíduo, “no Brasil, além das frases de protesto, surgiram outras bem-humoradas e enigmáticas, como por exemplo: CELACANTO PROVOCA MAREMOTO, ... , CÃO FILA KM 22” (GITAHY, 1999, p. 21).

A década de 80 do século XX é bastante emblemática para a América Latina. Os economistas a denominaram de década perdida, reflexo da crise do petróleo e o aumento dos juros para empréstimos internacionais que trouxeram graves crises econômicas para os países subdesenvolvidos. Os fenômenos da urbanização e metropolização atingiam seu ápice no Brasil e junto com eles a violência urbana. Silva sustenta que as pichações⁵ são reflexos, também, dos governos autoritários presentes em alguns países da América Latina,

En Argentina, Brasil o Uruguay, por sus gobiernos verticales, o en Chile, bajo un mayor hostigamiento sociomilitar. Obligaba, pues, en todos los casos, a buscar otras formas de respuesta ciudadana, y, entonces, así fue gestándose y naciendo un “movimiento” plástico coyntural. (2000, p.32).

Diante do exposto, pode se concluir que a pichação surgiu no país como uma das formas de dar vazão ao descontentamento generalizado da população, especificamente, da juventude.

⁵ No espanhol usa-se a expressão *graffiti* para designar o grafite ou a pichação.

Para Gitahy (1999), da sua origem no Brasil até os dias atuais podem ser reconhecidas quatro fases distintas. Na primeira, a pichação era individual e o pichador buscava sair do anonimato; o pichador carimbava seu nome em toda parte possível. Na segunda, começa a formação dos grupos de pichadores, quando surgem os estilos de letras distorcidas e a competição pelo território urbano. A terceira fase representa o período das pichações de difícil acesso, em locais públicos ou particulares, quanto maior a dificuldade do lugar pichado, maior fama alcançará o pichador. A quarta fase é a fase da pichação desafio, contra a sociedade e o Estado, busca-se destaque na mídia. A esta periodização proposta Gitahy pode-se acrescentar uma fase mais recente, pois se percebe a constituição de uma quinta fase, na qual os elementos da segunda em diante se aglutinam. Apesar de existir pichações oriundas e quase exclusivas de cada fase.

Como em Goiânia, é possível perceber o surgimento dos primeiros pichadores na década de 1990, segundo entrevista com “*Capacete*”⁶. Portanto, as fases das pichações que ocorreram em outros locais, como em São Paulo, em Goiânia os estilos presentes nas fases, como em São Paulo, diluíram numa fase única que vem até os dias atuais.

Apesar da herança não desprezível legada por estes primeiros pichadores no Brasil, principalmente, o desejo de incomodar a sociedade e os ditames desta, a pichação atual sofreu diversas modificações. Os grupos de pichadores se tornaram mais numerosos, estabeleceram relações sociais entre os membros que ultrapassam o universo da pichação como a violência frente

⁶ Denominação utilizada por um dos mais renomados grafiteiros de Goiânia (Entrevista realizada em setembro de 2003).

aos outros grupos. Criaram uma tipologia de letra (*tag*) que singulariza e identifica as pichações de cada grupo, o que será discutido posteriormente.

O pichador “utiliza-se desta modalidade de linguagem para expressar as idéias de grupos sociais que estão alheios aos meios formais de construção e divulgação” (SILVA E TRINCHÃO, n.d.). Suas representações ultrapassam o vandalismo, imposto pela sociedade capitalista, e atingem o mundo simbólico da insubmissão ao sistema. Assim,

As pichações, afirmam, dominam os espaços de preferência do pichador (aquele que melhor se oferece aos seus olhos) – locais proibidos, muros recém pintados, lugares sacralizados pela tradição ou pela cultura, como templos, bancos, shoppings, fachadas de arranha-céus. Tais espaços, públicos ou privados, configuram-se como os suportes ideais para mensagens cifradas e assinaturas ilegíveis (CAETANO, 2002, p.65).

:)

Lara expõe a pichação como,

[...] uma forma de comunicação fechada, executada inicialmente por um único indivíduo mas que, em seguida, passa por um processo de identificação coletiva e a ser realizada por grupos, espalhando-se por todo o tecido urbano de forma repetitiva e desordenada” (1996, p.78).

Este desordenamento proposto pelo autor é controvertido, pois apesar da desordem externa, as pichações possuem uma ordem na desordem.

As escolhas dos locais são um exemplo de ordenamento. Elas refletem quatro finalidades na visão de “*Ghost*”⁷: locais de difícil acesso que trazem fama efêmera ao autor, pichações de demarcação territorial, pichações de

⁷ Denominação escolhida pelo próprio informante, que é ex-pichador de um dos grupos que agem por Goiânia. Entrevista realizada em setembro 2003.

anulação⁸, de invasão⁹. A análise destas opções, apesar da dificuldade de delimitação das pichações e dos grupos em Goiânia, revela um ordenamento territorial que produz ordem na pseudodesordem. Este ordenamento territorial pode ser tipificado e analisado sob diversas óticas, como posição geográfica das pichações por bairros, próximas às escolas, praças, shopping centers, entre outras. Os “*de fora*”, para se utilizar uma linguagem coloquial dos pichadores, na maioria das vezes, identificam esta forma de manifestação como ato de poluição e vandalismo desordenado e que merecem, apenas, repressão e punição pelo aparelho estatal, como pode ser observado na foto 1,



Foto 1: Sigla de um grupo denominado Demônios da Zona Sul (MASSON, José Renato, 2004).

⁸ Anulação ocorre quando se faz um traço horizontal ou em forma de X na pichação da “galera” rival e picha-se, ao lado, o símbolo do seu grupo e os apelidos dos autores.

⁹ A invasão ocorre quando uma “galera” invade e picha o território de outro grupo.

1.2 pichação é fogo

Na sociedade, um papel relevante para a marginalização dos pichadores é imposto pela mídia, que preconceitua a pichação como um ato de vandalismo e/ou criminalidade, não importando sua origem de manifestação. Não existe uma evidente preocupação em explicar o fenômeno, apresentando-o, principalmente, como uma agressão a estética da cidade e ao prejuízo financeiro advindo da ação dos pichadores. Esta visão simplista da relação da cidade frente a ação dos pichadores pode ser constatada na reportagem do jornal “Diário da Manhã” (09/08/2003),

SETOR AEROPORTO – A Praça do Avião foi alvo dos vândalos ontem, que picharam alguns muros e danificaram bancos. O delegado titular da Dema, Rogério Santana Ferreira, disse que as investigações para identificar os responsáveis já se iniciaram. Ele coloca que este tipo de trabalho é difícil porque a maioria dos autores age durante a madrugada e poucas pessoas têm oportunidade de vê-los.

Na reportagem fica explícita a marginalização da pichação através da utilização de expressões como vândalos. O ato de pichar é encarado como vandalismo e como tal deve ser combatido.

Na mesma reportagem o delegado apresenta dados de um relatório desenvolvido pela Dema (Delegacia Estadual do Meio Ambiente) no qual foram identificados 58 “infratores” sendo 53 menores de idade. Estes dados coincidem com os dados de campo desta pesquisa onde a maioria dos pichadores é da faixa de 12 a 18 anos. Segundo “Quebrado”¹⁰, “véio, os homi quando é de menor só bate, se não cana”. Os maiores de idade que continuam

¹⁰ Entrevista realizada em junho de 2004, membro da União dos Pichadores de Rua.

no grupo são os líderes, são mitificados pelos adolescentes e como tais desejam ser imitados. “*Gordinho*”, outro integrante do grupo, na mesma entrevista narra uma passagem, “*nóis foi fazê um churrasco da galera e aí chegô o líder da GAP e ficou botando banca com um três oitão, Vovô¹¹ meteu dois berro na cara dele e mandou cair fora*”.

Outra visão que a mídia preconiza é a atração, estimulando iniciativas “menos predatórias”. Como se a pichação fosse apenas uma falta de opção do jovem e que através de atividades que pudessem cooptar a atenção dos integrantes dos grupos de pichadores para que parassem de pichar. Esta visão sobrepõe a forma arquitetônica e a manutenção do que se considera como estético. A pichação é o não estético,

Por mais que se possa procurar compreender as razões sócio-econômicas e culturais do fenômeno, o fato é que ele vem contribuindo para degradar ainda mais a cidade, em flagrante desrespeito à propriedade e ao patrimônio histórico e cultural. Pode-se questionar se políticas apenas repressivas são a melhor forma de enfrentar o problema -ainda que nesse quesito, elementar, o poder público pareça complacente, já que, conforme a reportagem, as gangues reúnem-se semanalmente com hora e local marcados. Merecem apoio iniciativas que possam, de forma positiva, atrair os pichadores para atividades menos predatórias. Inaceitável é que seguidas gestões municipais mostrem-se incapazes de controlar essa verdadeira praga urbana. (Folha de São Paulo, 01/07/2003).

As pichações, na visão da sociedade burguesa, são apresentadas como uma categoria generalizante na qual entram as pichações dos grupos do crime organizado, atos políticos, partidários e dos grupos juvenis de pichadores. Esta generalização das pichações cumpre sua função: qualificar qualquer uma destas formas como criminosa e, portanto, merecendo ser reprimida. “Na

¹¹ Líder da UPR.

opinião de alguns jovens, a imprensa estimula a formação de gangues de pichadores pelo destaque com o qual trata o tema” (ABRAMOVAY et al., 1999, p117).

Este caráter subversivo da atividade produz a “adrenalina” necessária para a repetição da atividade. Segundo “Cabeça”¹², “a pichação é um vício, quando a gente faz a primeira, no outro dia, dá uma ressaca moral. Mas, aí o pessoal fica colocando “pilha” e a gente, quando vê, está fazendo de novo”.

Lara considera que,

Com seus significados fechados e assumindo um caráter epidêmico, as pichações formam um território próprio contra o qual se arma uma ação repressiva que tenta inibir e frear o movimento. A repressão, no entanto, acaba por incentivar os pichadores, colocando suas ações fora do controle e dos limites toleráveis pela sociedade e suas instituições tradicionais. Inúmeras inscrições desse tipo passam a se sobrepôr, numa competição feroz que leva as gangues a procurar lugares cada vez mais altos e perigosos. Desta forma, os topos dos edifícios, as marquises e os monumentos são alvos sistemáticos deste tipo de ação que, com os anos, vêm adquirindo uma lenta evolução pela precariedade dos seus agentes e pela recusa de uma estética em moldes aceitáveis. As inscrições justamente procuram uma anti-estética, utilizando nomes putrefatos e escatológicos para atingir uma repulsa ainda maior que o próprio ato. (1996, p. 79-80)

Na visão do pichador como confirma Abramovay et.al. (1999), a pichação representa o que fazer na metrópole: é estar de “bobeira”, arrumar um “jet”, procurar um muro, correr do dono, tomar cuidado com o cachorro, fugir da polícia,

A pichação é vista como uma alternativa quando não se tem nada para fazer, é considerada uma diversão, uma aventura cheia de emoções porque implica enfrentar o perigo, correr da polícia, desprende muita adrenalina e vicia como uma droga (p. 117).

¹² Designação de um ex-membro fundador de um grupo de pichadores (entrevista realizada em setembro de 2003).

Os símbolos, a princípio, incognoscíveis possuem quatro significados básicos, podendo estar presentes simultaneamente ou não: identificação do grupo, denominação¹³ dos pichadores, frases de desafio para outro grupo e frases de cunho contestatório e anarquista. Cada autor¹⁴, que acaba influenciando o grupo, tem uma forma específica de grafia como demonstrado na foto 2,

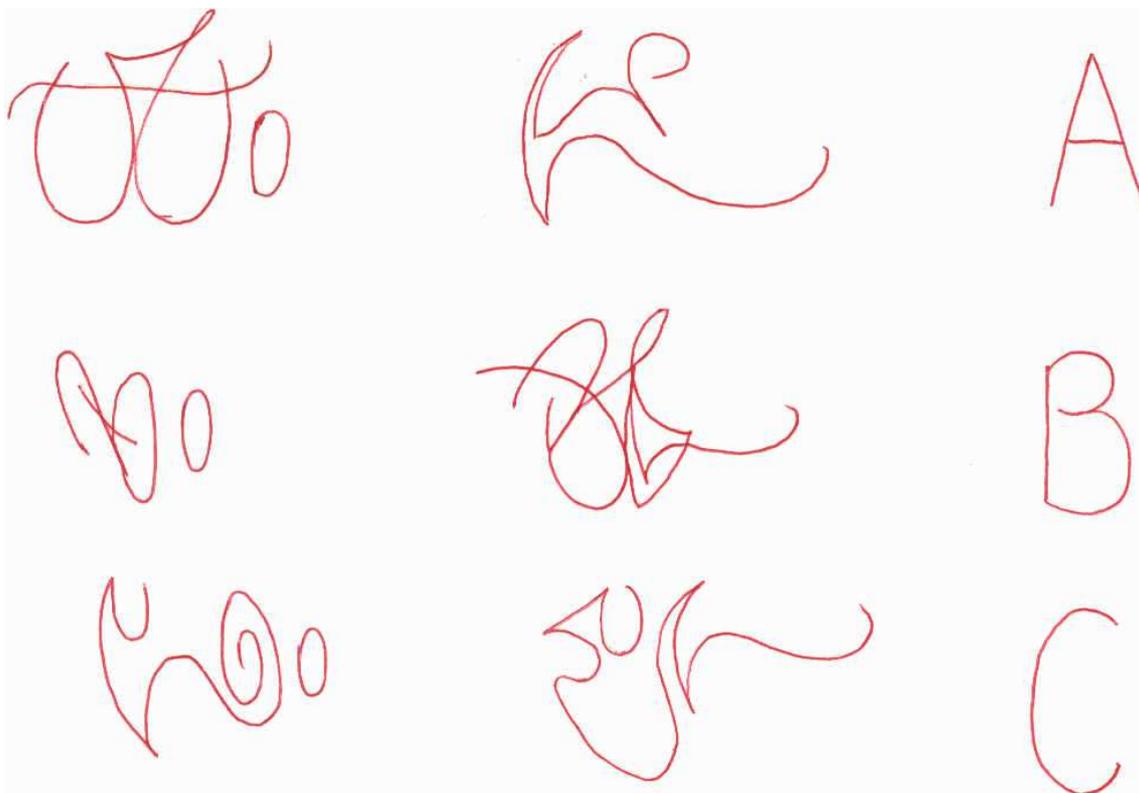


Foto 2: exemplos de alfabeto, fornecido por Ghost. (MASSON, José Renato. Goiânia: 2004).

Usualmente, preferem facilitar o reconhecimento da sigla do grupo e dificultar as demais escritas,

¹³ Usam-se denominações (apelidos) que são reconhecidos no seu grupo, sendo velado para os adversários, evitando futuras punições.

¹⁴ Normalmente os membros fundadores do grupo influenciam com o seu traço característico os novatos.



Foto 3: Na vertical a direita, a sigla do grupo – mentes atrás do grafite – na horizontal, os duas primeiras inscrições são dos pichadores e a última, a sigla FJG. (MASSON, José Renato, 2004)

Segundo “Ghost”, *“posso seis alfabetos diferentes e, mesmo assim, alguns pichos de grupos menores não entendo”*¹⁵. Portanto,

As inscrições são constituídas por letras estilizadas ou distorcidas, formando nomes, apelidos individuais ou de gangues. Estes signos são traçados com tinta, spray ou carvão sobre muros, portas, paredes, placas, cartazes, prédios, parapeitos, soleiras, beirais, etc. Sua linguagem é praticamente cifrada, de caráter anarquista e se faz compreender somente pelos grupos envolvidos no jogo” (LARA, 1996, p.79).

As pichações caracterizam formas de expressão que possuem dupla significação dependendo do olhar. Elas representam um sistema comunicacional que transmite informações, demarca o território, representa um

¹⁵ Agosto de 2003.

exercício e/ou contestação de poder. Por outro lado, podem ser compreendidas como formas de escandalizar. Um dos pichadores, que preferiu não se identificar considerou como “zoeira, só bagunça”. Assim,

No caso da ação de pichadores, é do conhecimento comum que mensagens são passadas, presenças registradas e territórios demarcados por expressões que pertencem a sub-códigos comuns a certos grupos. Fora desse contexto e de circunstância adequadas, os registros impressos nos muros aparecem como brincadeiras, que, como se viu, correspondem ao bom ou mau gosto, dependendo dos enunciatários que os tentam decodificar. Nesse sentido, de um lado as pichações são legitimadas pelos pares, de outro, aparecem como manifestações identitárias que pretendem se distinguir dos letramentos diversos da cidade relacionados normalmente ao consumo e ao discurso político (CAETANO, 2002, p.69).

Na foto 4 é possível identificar algumas mensagens cifradas comentadas na citação acima,



Foto 4: pichação do BCO (Bombados do Criméia Oeste), que foi anulada por outra galera (o X sobre a Letra B e também, na C). Interessante observar que o proprietário pintou o muro para apagar outra pichação do mesmo grupo, mas a palavra território permaneceu. (Foto: MASSON, José Renato. Goiânia: 2004).

A pichação passa a ter, segundo Lara,

O significado duplo da pichação pode ser entendido como um processo comunicacional: a reação negativa por parte do público é compreendida como positiva para o grupo e sua atuação, cuidadosamente planejada e trabalhada, não passa de algo anti-estético para a maior parte das pessoas. Desta forma, o pichador equaciona o seguinte raciocínio: quanto maior a repressão maior a aventura; quanto maior a aventura maior a fama; quanto maior a fama, maior o destaque do grupo, mais publicidade, e maior influência na área, aumentando seu território sem correr muitos perigos e sem gastar muita tinta” (1996, p.84/85).

Os grupos de pichadores, a partir de sua constituição, desenvolvem um sistema de rituais e ritos¹⁶, linguagens, vestuário, locais de encontros, estilo de letra (*tag*) etc., que acabam singularizando cada grupo. Para compreender esta singularidade é necessário refletir sobre identidade e sua formação.

1.3 “Ah neim! Cê vai deixar um comédia tirar com você?”

A expressão que nomeia este subtítulo foi enunciada por um aluno de 8ª série do ensino fundamental para um colega que estava sendo chamado a atenção pelo professor. A categoria principal reconhecível na expressão é a identidade.

Quando se usa a expressão “um comédia”¹⁷, já difere o eu e o outro, pois a identidade somente se constrói a partir da diferença, por um sentimento de pertencimento ou não. “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de

¹⁶ O dicionário MICHAELIS apresenta que rito pode ser compreendido “ordem ou conjunto de quaisquer cerimônias” (1998, p. 1849). Ritual como sendo “conjunto das regras a observar, etiqueta, praxe, protocolo” (Ibidem). Os ritos no caso em questão podem ser considerados como rituais de passagem, como o de iniciação.

¹⁷ Expressão usada pelos jovens para bobo, idiota, aquele que não compreende.

sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (WOODWARD, 2000, p. 39).

A identidade, portanto, não representa a oposição da diferença, mas as duas somente se explicam pela combinação. Quando Woodward (2000) expressa os sistemas simbólicos revela aquilo que é particular aos membros de determinada identidade, mas, ao mesmo tempo, deixa clara a necessidade da exclusão como forma de diferenciação. “A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença” (p.39/40). Para um pichador, aquele que não faz parte do jogo das pichações é o outro, é aquele que está por fora. Que, portanto, é o outro, não merecendo atenção, somente servindo para ressaltar a diferença entre os “por dentro” e os “por fora”. E mesmo sendo membro de um grupo, isto não constrói o sentimento de identidade, pois, se não é do mesmo grupo continua sendo o outro, o diferente. Assim para este autor,

Ao analisar como as identidades são construídas, sugeri que elas são formadas relativamente a outras identidades, relativamente ao “forasteiro” ou ao “outro”, isto é, relativamente ao que não é. (p.49).

A diferença, salientada no parágrafo anterior, possui duas formas de construção. Segundo o mesmo autor, ocorre pela exclusão ou pela heterogeneidade. Pela exclusão, a diferença é construída pela negação do outro, pelo antagonismo a aquele que não é. E pela heterogeneidade, resulta de uma ação afirmativa de contradição ao convencional e de celebração do diferente. Desta forma pode-se perceber que,

A diferenciação se faz exagerando os traços distintivos daquele grupo de pessoas e diminuindo a importância de todas as outras características comuns compartilhadas com os outros grupos. Sublinhar um nível de diferença significa que, a despeito do infinito patamar de diferenciação teoricamente possível, um limite será privilegiado, aquele que distingue o grupo dos demais. (GOMES, 2002, p. 60)

No caso dos pichadores, as duas formas encontram-se presentes. No plano externo, os pichadores negativizam aqueles que não praticam as pichações denominado-os de “*comédias*” e, ao mesmo tempo, celebram “*os de dentro*”, como se fossem seres heróicos, dotados de uma coragem inigualável. A reflexão desta dicotomia entre corajosos e covardes permite explicar a dificuldade de abandonar a pichação. Expressões como “*amarelou*”, “*não agüenta*” constituem formas de manutenção dos membros das pichações, a despeito de todo o risco que a atividade envolve. O risco de pichar é oriundo de diversos agentes que buscam combatê-la, como a polícia, os proprietários dos muros ou galeras rivais.

No plano interno, ou seja, daqueles que participam do universo das pichações, ocorre a exclusão daqueles que são considerados inimigos, por fazerem parte de galeras rivais. Questionando um pichador que estava marcando uma briga¹⁸ para enfrentar com um membro da *Esquadrão*¹⁹ do motivo do confronto, a resposta foi bastante reveladora da exclusão, “*ele é esquadrão, fica tirando a gente*”²⁰, por ser de uma galera rival não importando o indivíduo passa a ser o inimigo. A “*treta*” somente não ocorreu na porta do

¹⁸ Os pichadores usam a expressão treta. Pode ser individual ou em grupo. Depende da origem do conflito, se o “outro” agrediu verbalmente ou anulando a pichação do “eu” o confronto é individual, mas se a agressão foi para o grupo, vai o grupo todo para o confronto, independentemente da quantidade de rivais.

¹⁹ Grupo pertencente a torcida do time Vila Nova e rival dos grupos simpatizante do time Goiás.

²⁰ Verde, membro da *Demônios da Zona Oeste* (junho de 2004).

colégio porque um dos líderes de uma outra galera (SUR²¹) que estudava na mesma sala do membro da Esquadrão, abraçou-o na saída e com a sua galera saiu, passando por quase 30 membros da Força²². A partir deste momento a SUR, que não possuía “treta” com a FJG, sabe que no futuro se encontrarão para resolver este conflito, no diálogo ou não. A identidade e a diferença presentes neste conflito são construções das relações sociais.

Silva (2000) argumenta que a identidade e a diferença são uma produção simbólica e discursiva. Neste sentido, como elas são produzidas pelas relações sociais, dependem fundamentalmente de relações de poder e, portanto, são frutos de mais uma imposição do que de uma definição simplesmente. “A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo de diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais” (p.81). Para os pichadores, suas siglas já prenunciam este fenômeno. Por exemplo, Sempre Unidos Reinaremos, a identidade está implícita no conceito de união e as relações de poder são apresentadas pelo ato de reinar; a Galera Anti *Playboy* marca a diferença (anti) como forma de reconhecimento da diferença e a expressão *playboy* revela uma disputa sobre o território da cidade. Quando este grupo de pichadores denominam-se de *anti-playboy* estão tentando se diferenciar do outro, para eles, *playboy* são aqueles que possuem maior poder aquisitivo, andam em carros importados, etc. Convém salientar que esta nomenclatura

²¹ Sempre Unidos Reinaremos.

²² Força Jovem do Goiás, que rivaliza com o outro time de grande torcida de Goiânia, Vila Nova, e, que possui uma das torcidas organizadas denominada, TEV (Torcida Esquadrão Vilanovense).

também é uma construção de estilo, pois muitos membros deste grupo residem em bairros nobres da cidade.

Desta forma, os pichadores, revelam em suas nomações de identidade o trinômio que Silva (2000) prenuncia: identidade, diferença, e poder. Gomes (2002) acrescenta neste trinômio o palco do conflito: o território. Considerando que este é o objeto que está posto na relação de poder,

Objeto de uma disputa pela afirmação de um poder hegemônico de uma comunidade que se julga pela força, pela tradição ou pela história, mais apta a controlar um território ou simplesmente proclamar, por razões diversas, que está destinada a fazê-lo. (p.61)

Os pichadores elegem uma parcela do território da metrópole Goiânia como sendo propriedade de um grupo e a mantêm através da força. A identidade do grupo é alcançada através da negação das outras identidades. A foto ilustra bem esta afirmativa,



Foto 5: Pichação da Força Jovem do Goiás da 38ª legião anulada pela Torcida Esquadrão Vilanovense do 2º comando. (MASSON, José Renato. Fevereiro de 2005)

A foto anterior apresenta algumas características emblemáticas em relação a identidade do grupo e a negação das outras identidades. A primeira pichação realizada pela FJG usa as cores do time de futebol do qual participa (Goiás Esporte Clube). A pichação da TEV, como forma de desafio para a torcida adversária, utiliza a cor vermelha, que é a principal cor do uniforme do time. O uso da força como forma de negação das outras identidades é encontrada em subdivisões dentro dos grupos de pichadores das duas torcidas, que utilizam expressões oriundas das forças armadas, como comando, legião ou brigada. , no caso do primeiro grupo é denominado de comando e do segundo, legião. Estas duas torcidas possuem um quadro formal de associados, porém dentro delas existem grupos de pichadores que se utiliza

da estrutura montada pelas torcidas em suas ações por Goiânia. Dependendo do local de moradia dos pichadores-torcedores, os subgrupos disputam o território daquele setor ou bairro. A visibilidade desta disputa é demonstrada através das pichações de confirmação do seu grupo e anulação do adversário. Outra diferença em relação aos outros grupos de pichadores é a legibilidade da pichação, já que neste caso, pretende-se demonstrar o domínio territorial da área para aqueles que não estão habituados ao universo da pichação. Desta forma, explicitam a força da sua identidade contra as outras.

Na busca pelos bens sociais, é possível reconhecer uma identidade normalizada. “Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa” (SILVA, 2000, p. 83). Está posta, então, a negatividade dos pichadores, como os indesejáveis, aquilo que não é normal. Não se pode, também, categorizar o indivíduo entre identidade normalizada ou não, produzir-se-ia uma instrumentalidade racional não desejada. No indivíduo convive, quase sempre, conflituosamente, diversas identidades,

O homem que trabalha, vota, paga impostos e circula como cidadão pela cidade pode ser o mesmo que nos domingos se reúne com os seus companheiros de torcida e se dirige uniformizado ao estádio, ocupando e disputando com os adversários os ônibus, as ruas e determinados no estádio; ou se veste de tagger e reúne seu grupo de pichadores e recobre à noite, talvez, os mesmos muros por onde passou de dia, com suas mensagens cifradas. O caminho, ou o território, que o leva ao trabalho pode ser semelhante àquele que o conduz ao estádio; a significação desse espaço, seu comportamento, suas estratégias e seus interesses nele é que são fundamentalmente diferentes nas duas situações. (GOMES, 2002, p.122)

Um indivíduo nunca consegue, principalmente na complexidade da modernidade atual, manter uma identidade apenas, nem mesmo manter a estabilidade desta identidade. Woodward pondera que,

A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de uma outra. (WOODWARD, 2000, p.31/32)

Esta multiplicidade de identidades que a modernidade exige está presente nos pichadores. E são agravados por dois fatores primordiais, primeiro, a identidade mantida no seio da família com traços de uma estrutura tradicional e outra, própria condição da juventude contestatória. Como exemplo alusivo da identidade na família, um entrevistado²³, membro da União dos Pichadores de Rua (UPR), quando indagado sobre a aceitação dos pais sobre o *piercing* colocado na língua, comentou que ficou dizendo que estava com dor de garganta para explicar a mudança na voz e mantinha-se o máximo possível de boca fechada. No mínimo duas identidades divergentes se fazem presentes: uma, que no seio familiar procura manter a figura de bom filho e a outra, que busca identidade perante aos outros pichadores. No seio familiar sua atitude é de se isolar e no grupo visa interagir. As duas identidades do jovem buscam afirmação através da agressão. Erikson ressalta,

É verdade que lhes satisfaz verem seus pais consternados com a aparência que adotaram, pois essa exibição é, na realidade, uma declaração que insiste numa certa identidade positiva não fundamentada, primordialmente, no tipo parental de conformismo ou

²³ “Gordinho”, entrevista realizada em junho de 2003.

de ostentação. Esse inconformismo, por seu turno, é um apelo à confirmação fraternal e adquire, portanto, um novo caráter ritualizado que faz parte do paradoxo de toda a formação de identidade rebelde... Isso aproxima-se muito da identidade potencialmente criminosa que se alimenta da rejeição pelos outros, sempre demasiado ávidos em confirmá-la (1987, p.26)

Horkheimer salienta que a família possui um destacado papel educativo na formação do indivíduo. Ela possibilita a reprodução de valores exigidos para o convívio em sociedade, “e lhes empresta em grande parte a aptidão imprescindível para o comportamento especificamente autoritário do qual depende amplamente a sobrevivência da ordem burguesa” (1990, p. 214). O adolescente pichador está posto em um universo de ambigüidade, na família ele representa o papel de submisso, aquele que respeita a autoridade, a ordem vigente. Enquanto na rua, com seus pares, ele dá vazão aos seus instintos, algumas vezes exacerbando sua violência.

Outro fator agravante à formação da autoridade no adolescente é a própria desarticulação da família no cotidiano das relações nas grandes cidades. Os horários e as atividades dos membros da família não são coincidentes, diferente do que ocorre na zona rural ou pequenas cidades. Isto faz com que a educação familiar seja prejudicada ou nula. A formação da autoridade na cidade grande fica a cargo de outros agentes que não conseguem reproduzi-la, como a escola e o Estado. Este é um dos fatores primordiais para explicar a existência de grupos de pichadores nas grandes cidades, o que não ocorre nas pequenas.

A própria condição de juventude, também, revela um fator de multiplicidade de identidades e de crise destas identidades que se digladiam

dentro do ser, que acabam produzindo um sentimento de perda de identidade.

Neste sentido Erikson, destaca,

É importante compreender, em princípio (o que não significa que se justifiquem todas as suas manifestações), que tal intolerância pode ser, por algum tempo, uma defesa necessária contra um sentimento de perda de identidade. Isso é inevitável num período da vida em que o corpo muda radicalmente suas proporções, em que a puberdade genital inunda o corpo e a imaginação com toda a espécie de impulsos, em que a intimidade com o outro sexo se aproxima e, ocasionalmente, é imposta à pessoa jovem e em que, enfim, o futuro imediato a coloca diante de um número excessivo de possibilidades e opções conflitantes. Os adolescentes não só se ajudam uns aos outros, temporariamente, no decorrer desse conturbado período, formando turmas e estereotipando-se a si próprios, aos seus ideais e aos seus inimigos, mas também testam, insistentemente, as capacidades mútuas para lealdades constantes, no meio de inevitáveis conflitos de valores. (1987, p. 133)

Em suma, o indivíduo se reconhece com o convívio com os seus pares e que os mesmos vivem processos semelhantes. A formação da turma que o autor ressalta, vai ao encontro com a função do grupo para os pichadores, ou seja, a “*minha galera*”, ou seja, os meus semelhantes. O grupo traz uma relativa segurança no mundo das incertezas e possibilidades. E a sua individualidade acaba se diluindo parcialmente dentro da galera. Com isso, não há preocupação com a afirmação da individualidade. Para Erikson,

Em geral, é a incapacidade para decidir uma identidade ocupacional o que mais perturba os jovens. Para se manterem juntos, eles superidentificam-se temporariamente com os heróis de facções e de multidões, ao ponto de uma perda aparentemente completa de individualidade” (1987, p.133)

Para os pichadores, a sua galera é uma forma de representação. Compreendendo que “a representação é, como qualquer sistema de significação uma forma de atribuição de sentido” (SILVA, 2000, p.91). Portanto,

a identidade e a diferença necessitam da representação. A representação, com seu sistema de construções culturais mediadas pelas relações de poder, atribui sentido ao ser, inserindo-o dentro de um contexto social que permite gerar uma sensação de segurança capaz de denominar o que o ser entende que é e o contrário. Neste sentido Erikson reforça a simbiose entre a representação com à identidade e à diferença,

É aqui que a representação se liga à identidade e à diferença. A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizem: “essa é a identidade”, “a identidade é isso”. (1987, p.91)

A representação apresenta-se como o mecanismo de normalização da identidade, pois, “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (p. 91). Assim, este poder de representar define, também, o que é aceito ou não das diferentes identidades. Os pichadores são a identidade não normalizada, o que deve ser evitado, combatido pela sociedade. Conseqüentemente, esta situação acaba acirrando a diferença e, o excluído segrega em intensidade semelhante ou maior do que aquele que exclui. A esta exclusão imposta pela identidade normalizada. O autor acima destaca que,

Os jovens poderão tornar-se extraordinariamente dedicados a um clã, intolerante e cruéis na sua exclusão de outros que são “diferentes”, na cor da pele ou formação cultural, nos gostos e talentos, e freqüentemente, em aspectos mesquinhos de vestuário e gestos, arbitrariamente selecionados como sinais de “ser do grupo” ou “não ser do grupo” (p. 133).

Além de serem excluídos pela identidade normalizada, que os jovens respondem com atos de violência. O ser ou não ser do grupo destacado por Erikson (1987) marca as dinâmicas territoriais dos pichadores, aceitam alguns e rejeitam outros. Alguns grupos são considerados aliados e outros, inimigos.

A formação do sistema de alianças dos grupos de pichadores em Goiânia depende da afinidade dos membros do grupo em relação às duas torcidas maiores da capital, sendo torcedores do Goiás ou Vila Nova. Quando a maioria dos membros do grupo de pichador são torcedores do Goiás, estes são considerados da “Força” (Força Jovem do Goiás) e se, do Vila Nova são denominados “Esquadrão” (Torcida Esquadrão Vilanovense). A dinâmica territorial da cidade influencia nesta diferença, bairros onde ocorre predomínio de habitantes de maior poder aquisitivo como Setores Bueno, Nova Suíça, Jardim América, Oeste predominam os grupos ligados a “Força”, enquanto em bairros de menor poder aquisitivo ocorrem uma maior presença da “Esquadrão”.

Outro fator que interfere no sistema de alianças são as relações interpessoais dos membros dos grupos. A determinação de uma aliança ou não depende do convívio dos adolescentes. A disputa por uma garota, por exemplo, pode representar o início da rivalidade de um grupo para com outro. Quebrado²⁴ cita que, “ninguém fica tirando onda com mina nossa, a gente bota pé corré”. A criação da rivalidade de um grupo a outro por motivos banais demonstra a transitoriedade da relação do sistema de alianças.

²⁴ Entrevista realizada em junho de 2004.

E, finalmente, outro fator considerável para a compreensão do sistema de alianças são as disputas territoriais dos grupos de pichadores. O território da metrópole é parcelado pelos grupos de pichadores, disputas que ocorrem através das pichações nos muros ou mesmo em embates físicos, e assim, os grupos tentam sustentar o território erigido. No próximo capítulo serão abordadas a categoria território e a formação de grupos que servirão como elo de ligação entre os grupos de pichadores e suas ações e o urbano, mais especificamente, Goiânia. Que será discutido no capítulo 3.

Capítulo 02 – Território e territorialidades dos grupos de pichadores

Este capítulo discute a categoria território relacionando-a com os grupos de pichadores em suas dinâmicas territoriais conflituosas entre si. Para se alcançar esta propositura discutir-se-á, primeiramente, uma base epistemológica sobre território e territorialidade. Ressaltando que das abordagens presentes na Geografia, terá prioridade a conceituação próxima a Geografia Cultural.

Esta escolha não reflete nenhum desmerecimento às outras escolas geográficas, apenas uma necessidade refletida pela forma de se abordar o objeto. A seguir, discutir-se-á os grupos enquanto conceituação teórica sobre grupos e análise dos principais grupos de pichadores que agem por Goiânia.

2.1 A passagem: procura-se a Geografia.

A passagem para a Geografia se dá através da categoria território, pois como já foi demonstrada, a ação dos grupos de pichadores produzem territórios identitários, ou como Castells (1999) prefere denominar, a identidade do grupo como Identidade Territorial. Bossé (2004) considera que “o território identitário não é apenas ritual e simbólico; é também o local de práticas ativas e atuais, por intermédio das quais se afirmam e vivem as identidades” (p.169). Neste local de práticas ativas e atuais se constroem, através das territorialidades, territórios. Gomes confirma esta análise,

Como o grupo se define pelo mecanismo de exclusão, tendo em vista uma característica demarcadora qualquer, ele sempre se vê ameaçado pelos elementos oriundos de fora dele, e essas fronteiras, ainda que fluidas, são territórios de conflito, reivindicação e reprodução da ideologia central da diferenciação (2002, p. 63)

A categoria território através da territorialidade exercida permite desvelar o mecanismo de exclusão, as forças externas influenciadoras e “ao mesmo tempo, o produto e a expressão de um ponto de vista interno e inclusivo” (Bossé, 2004, p.173). Para o autor o território permite compreender o que lhe pertence ou não. Com isso os mecanismos de inclusão e exclusão que os grupos de pichadores fazem aos demais segmentos urbanos podem ser analisados.

O território marca o palco das disputas que legitima a identidades dos grupos de pichadores, significa local de pertencimento e ao mesmo tempo de exclusão para aqueles que representam o outro. Gomes salienta que, “a verdadeira luta é territorial, pelo domínio e controle de um determinado território, visto como ontológico, essencial e próprio a esse grupo que o reclama” (Ibidem, p. 65/66). Desta forma o domínio e controle sobre o território constrói uma identidade territorial sobre o mesmo.

Para Haesbaert (1999),

Partimos do pressuposto geral de que toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das idéias quanto no da realidade concreta (p. 172).

Convém salientar que se toda identidade territorial é social, o contrário nem sempre ocorre. Uma identidade étnica é social, porém pode não ser

territorial. O autor acima ainda cita que genericamente pode se considerar “que não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes” (HASBAERT, 1999, p. 172). O território deixa de ser um ente inerte e passa para o mundo do vivido ou usado, conceituação que será tratada adiante.

Cabe à categoria território a função de estabelecer o elo de ligação entre o que poderíamos considerar como o interno (identidade e grupo) e o externo. E relacionar a dinâmica interna do grupo de pichador com a cidade. Pois,

Identificar, no âmbito humano-social, é sempre identificar-se, [sic] um processo reflexivo, portanto, e identificar-se é sempre um processo de identificar-se com, ou seja, é sempre um processo relacional, dialógico, inserido numa relação social. (p.174).

Este identificar-se que Hasbaert cita, delimita o território através da valoração que determinado grupo constrói sobre este. Nesta valoração se estabelece o que pertence ou não a um grupo, mesmo que este território possa servir de palco de diversos grupos em temporalidades simultâneas ou não. Para clarificar esta análise, destaca-se que um território pode ser reivindicado por um ou vários grupos de pichadores durante a noite e durante o dia ser um local comercial. Assim, identificar-se pressupõe estabelecer o pertencimento sobre o território, donde se conclui que a fronteira assume um papel de extrema relevância para a construção territorial.

Os pichadores disputam o território da metrópole. O território da metrópole, que a princípio, é público, torna-se privado para e pelos pichadores. Cada grupo elege uma parcela do território da metrópole que lhe pertence, estabelecendo territorialidades particulares a cada parcela. Esta escolha pode

ser dividida em duas categorias. Na primeira, os pichadores das torcidas organizadas de times de futebol, estabelecem os bairros ou setores mais próximos da sede do clube ou onde se encontram maiores percentuais de torcedores. Os demais grupos elegem seu bairro e adjacentes como seu território. Os territórios dos grupos, que a princípio parecem imóveis com as inscrições demarcando o território de cada grupo pichador, na realidade são dotados de grande mobilidade através do sistema de conquistas territoriais, as invasões. Segundo Souza, “Territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica” (2001, p. 81). Como exemplo desta mobilidade, de acordo com relato de um dos entrevistados, o grupo Primeiro Comando do Jardim (PCJ) que a princípio deveria ter suas inscrições circunscritas ao setor Jardim América, possuem pichações nos bairros circunvizinhos. “Não é preciso especular muito para descobrir que temos espaços concebidos como eternos e transitórios, legais e mágicos, individualizados e coletivos” (Damata, 1997, p.43).

Os diversos grupos de pichadores que atuam sobre Goiânia buscam em suas ações na paisagem urbana posse, manutenção e ampliação de sua base territorial. Desvelar e compreender a dinâmica destes grupos significa, também, analisar a categoria território no âmbito da Geografia.

O território dos pichadores é construído a partir das práticas espaciais urbanas das grandes cidades. Nas quais se reproduzem condições de singularidades divergentes das cidades médias e pequenas. As pichações de muros nas cidades grandes são, também, organizadas por grupos de pichadores, os quais utilizam uma simbologia hermética aos demais

participantes da cidade. Nas cidades menores, as pichações são, quase que exclusivamente, individuais e/ou político-partidárias, numa grafia cognoscível aos receptores da mensagem.

Como o tema pichadores de rua apresenta escassa ou nenhuma produção acadêmica no âmbito da Geografia brasileira é justificado o esforço de caracterizar suas representações. Isto porque através das representações que os pichadores fazem de si mesmo e de seu grupo é possível compreender a territorialidade exercida.

As representações dos pichadores vêm repletas de simbolismos que permitem clarificar suas construções territoriais. A partir das representações dos pichadores de rua ocorre a possibilidade de desvelamento da categoria território, pois se resgata o vivido, o mundo subjetivo dos grupos para referendar suas práticas espaciais.

A fronteira é estabelecida na construção do território, é a separação do “eu e o outro”; “o marco de fronteira, reivindicando o caráter de símbolo visual do limite, define por onde passa a linha imaginária que divide territórios” (HISSA, 2002, p.34). Esta linha imaginária é construída a partir do cotidiano dos grupos de pichadores e de suas construções. Como exemplo, podemos ter um grupo de bairro, como o PCJ. Que, com a sua denominação (Primeiro Comando do Jardim) considera o bairro Jardim América como o seu território que coincide com as demarcações oficiais daquele setor. Porém, temos grupos de pichadores como a UPS (União dos Pichadores Skatistas) que reivindica sua base territorial como sendo a própria metrópole. Mas, as suas marcas (pichações) dependem do lugar de moradia, lazer ou estudo de seus membros.

Silva apresenta o limite ou a fronteira com dupla significação, “[...] serve como limite de atuação do poder territorial, mas também como um diferenciador do que e de quem está dentro e do que e de quem está fora” (2002, p. 23). A fronteira, neste sentido, reproduz condições de estabelecimento do conflito entre os diversos grupos de pichadores, pois, além de considerar o limite de atuação do poder territorial de cada grupo, os distingue entre aqueles que pertencem a um grupo ou outro.

Os grupos de pichadores possuem, de forma bastante incisiva e simbólica, o estabelecimento da fronteira do seu território. Nos limites imaginários do seu território, alguns grupos estabelecem, numa grafia cognoscível, expressões como território do BF (Bairro Feliz), do MGC (Moleques Grafiteiros do Criméia). Simultaneamente, a colocação da expressão é uma forma de estabelecimento do território e um mecanismo de desafio aos demais grupos, como mostra a foto 6,



Foto 6: a palavra território expressa em grafia cognoscível e a expressão BCO (Bombados do Criméia Oeste). (MASSON, José Renato. Goiânia: 2004)

Apesar desta linha imaginária de estabelecimento da fronteira acontecer para os grupos de pichadores dentro de uma espacialidade e temporalidade transitória, é comum a organização de incursões, denominadas de invasões, sobre o território do outro. Mesmo assim percebe-se, simbolicamente, a presença do signo da fronteira, pois se é uma invasão que se pretende, invade-se o que não é seu. Hissa (2002), argumenta que a fronteira é cada vez mais imprecisa, quanto mais se distancia do núcleo de poder. Para o MGC (Moleques Grafiteiros do Criméia), seu núcleo de poder baseia-se na praça Dom Prudêncio Gomes de Oliveira do setor Criméia Oeste. Quanto mais afastado deste núcleo maior será a imprecisão na delimitação da fronteira e maior o perigo de se confrontar com grupos rivais. “[...] na maior das distâncias,

na periferia dos núcleos de poder, a fronteira é demarcação imprecisa, vaga,[...], o que deveria ser demarcação perceptível mostra-se espaço de transição, lugar de interpenetrações, campo aberto de interseções”. (HISSA, 2002, p.35). Este lugar de interpenetrações é referendado pelas pichações que os diferentes grupos realizam, a foto abaixo é um exemplo,



Foto 7: o grupo BCO (Bombados do Criméia Oeste) pichou o muro com a sigla do grupo e a palavra território. Como o grupo TEV (Torcida Esquadrão Vilanovense) é aliado do BCO, outro pichador inseriu a sigla sem anular a pichação do outro grupo. (MASSON, José Renato. Goiânia: 2004)

2.2 Território: uma categoria polissêmica

O conceito de território nas ciências sociais, numa perspectiva contemporânea, segundo Almeida (2003), é polissêmico. A polissemia é

oriunda das diversas ciências que se apropriam do conceito, o que dificulta e obscurece uma conceituação sobre o território. Para a autora,

A despeito da constatação da polissemia e suas origens, na Geografia o recurso a esta categoria merece, um cuidado, posto que é um conceito e uma categoria derivados e utilizados pelas outras ciências. A geografia deve-se preocupar em como dar-lhe uma natureza geográfica, uma vez que se trata de um termo pertencente ao vocabulário espacial. (ALMEIDA, 2003, p.2)

A multiplicidade da conceituação das várias noções de território foi sintetizada por Haesbaert (2004), dividindo em quatro agrupamentos distintos. Numa vertente, denominada de política ou jurídico-política, “onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder,[...]” (p. 91). Espaço este, muitas vezes, ligado ao poder do Estado. Em outra, a dimensão cultural ou simbólico-cultural, relacionada ao cotidiano, ao modo de vida, no qual os grupos singularizam o espaço vivido. A dimensão econômica, na qual o território apresenta-se como lócus de embate da relação capital-trabalho ou como fonte presente ou futura de recursos. E, outra vertente tem o viés naturalista, que apesar de ser o mais antigo, remete a influência do darwinismo nas ciências sociais, é atualmente desprezado pelas mesmas. O território é visto como base de recursos indispensáveis na relação natureza-sociedade.

A categoria Território, abordada nesta dissertação, apresenta, também, uma diversidade conceitual bastante significativa, como foi afirmado por Almeida (2003), posto que o conceito de território é polissêmico nas ciências sociais.

A categoria território, numa abordagem ampla, pode ser considerada como a materialização do espaço, sendo, neste caso, o espaço um conceito abstrato e o território, a concretude daquele. Raffestin (1993) permite denominar o espaço como a “prisão original” e o território como a prisão construída pelos homens. “O território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço” (Raffestin, 1993, p.144). Refletir sobre esta conceituação é considerarmos o território como uma construção humana, que já o distingue da herança conceitual oriunda das ciências Biológicas apropriada por Ratzel.

Compreender o território dos pichadores envolve uma junção de diversos conceitos acerca do território. Para compreensão destes, é necessário estabelecer a base territorial de cada grupo, como forma de diferenciação do outro, tornando cognoscível seu território e as invasões sobre o território do outro.

Como os diversos territórios dos grupos apresentam uma temporalidade e espacialidade transitórias é necessário discutir o que é reproduzido e o que as produz, sendo os conceitos de identidade de grupo e de espaço fundamentais para a compreensão da construção territorial. Matos & Ribeiro salientam que, “assim, uma rua, um conjunto de ruas ou um lugar passam a ser um território durante um certo período de tempo” (1995, p.63). Para os grupos de pichadores a noite representa o momento “mágico” do controle sobre uma parcela do território da cidade, apesar de suas marcas inscritas nos muros terem uma temporalidade maior.

Finalmente, na discussão sobre a definição de território, é necessário considerar os sistemas de trocas que determinados grupos sociais realizam no mundo exterior. É olhar os grupos de pichadores inseridos no cotidiano da metrópole, que influenciam e são influenciados por ela. De acordo com Almeida,

Compreender um território é, portanto, considerar as interações entre um grupo social e seu território. Porém, isto significa também situar o grupo social/território e suas interações em um conjunto mais ou menos vasto. Um território, um grupo social não são isolados. Eles efetuam trocas com o exterior do qual não se deve esquecer para descrever e compreender a morfologia e a dinâmica territoriais. Isto posto cabe registrar que é da diversidade dos grupos sociais que resulta àquela dos territórios: dimensão, configurações espaciais, funcionalizações tudo pode modificar de um território a outro (2003, p.2)

Neste sentido, o território não pode ser encarado como um elemento que está posto, mas construído a partir do grupo social que se apropria do mesmo. O grupo social, em questão, é um emissor e receptor de influências externas ao mesmo. E o território é construído de forma singular, já que as práticas cotidianas se modificam de grupo para grupo. Visão que coincide com o pensamento de Santos (1994), para qual a apreensão do território se faz pelo uso do mesmo “e não o território em si mesmo” (p.15).

2.3 Territorialidades dos pichadores

Na construção, manutenção e posse de determinado território é visível a presença da territorialidade como mecanismo relacional do grupo sobre a base material. O território não deve ser considerado em si mesmo. Neste sentido, “a

territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do "vivido" territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral" (Raffestin, 1993, p.158).

O sistema territorial e a territorialidade criam uma relação imbricada que produz um particularismo, no qual cada território é distinto dos demais. Não há possibilidade de uma fórmula generalizante que permita estudar um território a partir do sistema e da territorialidade do outro. "Cada sistema territorial segrega sua própria territorialidade, que os indivíduos e as sociedades vivem" (Ibid, p. 161). Cada grupo de pichadores possui um território específico em relação aos demais grupos. Como exemplo, para fazer parte do grupo Força Jovem do Goiás basta se identificar com o time e reunir um grupo de jovens denominados pelos entrevistados de "chegados" que saem pichando os muros da cidade criando seu próprio "tag". Em outros grupos, o processo de iniciação passa pela aceitação e por um ritual de iniciação, conforme será apresentado adiante.

Os pichadores de rua em Goiânia, entendidos como grupos sociais buscam uma profunda interação com seus respectivos territórios. Para o grupo denominado MGC (Moleques Grafiteiros do Criméia) a praça é base central de suas ações, seja para realizar suas pichações ou como ponto de encontro social. Ela apresenta um arranjo paisagístico extremamente simbólico no tocante aos pichadores. Possui uma quadra esportiva no centro bastante depredada e pichada nos seus muros lateral, com alguns estabelecimentos de lanches. *"A galera se reúne aqui como forma de se proteger e gerar a união. Se ficar dando bobeira, os outros podem armar uma emboscada. Quando a*

gente sai a noite é tudo junto".²⁵ Neste caso o setor Criméia Oeste, com seus limites territoriais formalizados pela prefeitura, coincide com o território do MGC. Porém, a demarcação formal dos bairros pela prefeitura nem sempre é o fator significativo da delimitação da fronteira. Pois, "a demarcação das fronteiras invisíveis nos espaços públicos acontece de forma simbólica, combinando uma direção no espaço e a legitimação de sua posse" (MATOS & RIBEIRO, 1995 p. 63). A fronteira invisível é construída a partir da dinâmica social, é uma relação de pertencimento no território. Assim,

A tentativa, por um indivíduo ou grupo, de atingir/afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos, pela delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica. Esta área será chamada território. (Sack apud HAESBAERT, 2004, p.105).

O território é construído e ou mantido a partir das práticas sociais, conforme já foi mencionado, sejam persuasivas ou coercitivas. Em relação aos grupos de pichadores a prática utilizada para garantir o território é a coerção, na qual a presença de outro grupo no mesmo território culmina em disputas territoriais. Para Matos & Ribeiro, "o território pode ser também apropriado pelo grupo que exerce o seu controle para conter o acesso de indivíduos a um determinado local" (1995, p. 63). Caso um determinado grupo de pichador não consegue manter o controle sobre o território eleito o conflito está posto, que pode se manifestar através de pichações de desafios ou de brigas.

²⁵ Depoimento de "Ghost", agosto de 2003.

Na construção territorial os grupos estabelecem relações de aliança e de conflito com outros grupos e, ao mesmo tempo não, possuem uma singularidade absoluta. Os grupos de pichadores receberam influências de um movimento que se iniciou em grupos de jovens dos guetos pobres de Nova Iorque e também culturais, como o Hip Hop. Ao mesmo tempo em que transgridem o cotidiano da metrópole, com suas pichações representando formas de insubmissão às relações de poder vigentes e aceitas. É o mesmo garoto que almeja e consome a grife da roupa ou do tênis. Este jogo dialético de transgressão e consumo está presente na relação da contradição do capitalismo. A foto 8 reflete a insubmissão comentada,

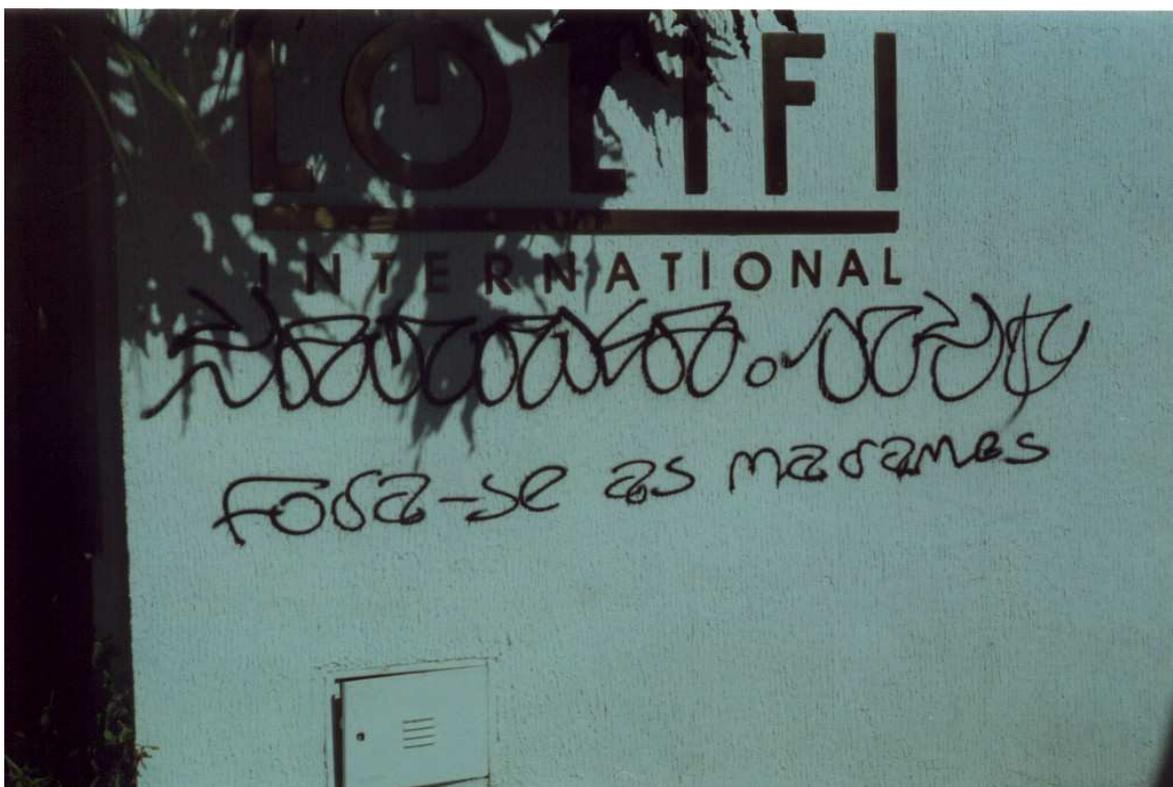


Foto 8: trata-se da frente de uma boutique de alto poder aquisitivo de Goiânia (*Foda-se as madames*). (MASSON, José Renato. Goiânia: 2004).

Em contrapartida, a ação do grupo de pichadores busca a singularização do seu território, visível e invisível. O “*picho*”²⁶ possui características particulares a cada grupo, o estilo de letra, a cor do spray, etc. Como também as gírias, as roupas acabam singularizando cada grupo, “*quando a gente sai para pichar todo mundo vai de preto.*”²⁷

A metrópole apresenta uma imbricada rede de territórios que se superpõem, que se harmonizam ou conflitam. Os diversos grupos de pichadores da metrópole em questão representam uma faceta desta rede, geralmente, desprezados, quase sempre, marginalizados. O marginal, neste sentido, é uma forma de resistência ao sistema repressor que o Estado impõe à sociedade, “*todo sistema social torna-se opressor desde que seja demasiadamente perfeito*” (CLAVAL, 2001, p. 127). Este próprio sistema “*perfeito*” provoca a formação de estruturas rígidas que acabam gerando dentro de si grupos que aspiram a liberdade, mesmo que não seja definitiva. Sua ação lhe provoca um estado de êxtase, de breve alegria por aquele ato simbólico de máxima insubmissão à essência do capitalismo, o lucro.

Para consegui-lo, é necessário deixar os espaços onde o controle social é demasiado, onde o olhar coletivo exclui todo desvio e onde o fato de esquecer, a não ser provisoriamente, os papéis que se deve assumir é severamente condenado (p. 127).

Quando não é possível deixar o espaço onde o controle social é demasiado, os pichadores buscam um horário que facilita burlar o controle de

²⁶ Usando uma expressão do meio. Representando a pichação.

²⁷ Depoimento de “*Ghost*” (entrevista realizada em junho de 2003).

suas atividades. Eles agem normalmente nas madrugadas, colocando sua própria vida em risco para atingir o citado êxtase. Vide a foto 9,



Foto 9: ação dos pichadores em marquise de uma academia em Goiânia. (Cotonete, Goiânia: 2003).

Na foto vemos a ação do grupo GAG – Garotos Amantes do Grafite – pichando a marquise da maior academia de ginástica de Goiânia. Esta marquise possui um valor inestimável aos pichadores, devido a eficiente segurança da academia vários outros pichadores já tinham tentado pichá-la e sempre acabavam apanhando dos vigilantes. Na foto vemos “*bom dia*”²⁸ em ação.

²⁸ Apelido real do pichador Edson Flávio Coutinho, que foi preso no dia pela polícia federal e seu acervo de fotos estão em poder do ministério público. Diante disso, esta foto pode ser apresentada. Antes da prisão, a foto estava disponível em www.fotolog.net/bomdia.

Ao mesmo tempo, os pichadores acabam confirmando a marginalidade que as mídias e o Poder – utilizando a classificação de Raffestin (1993), onde o Poder com p maiúsculo é visível e pertence ao Estado ou aos seus agentes – preconceituam e se valem da agressividade como forma de incomodar ou atacar o controle social imposto. Para exemplificar, em um colégio da rede particular de Goiânia foi pedido um trabalho elaborando um cartaz com imagens e/ou fotos sobre pichações para um grupo de alunos da oitava série do ensino fundamental. Os alunos fizeram o cartaz mostrando as pichações, mas apresentaram também algumas fotos como esta (foto 10),



Foto 10: Como a maioria dos pichadores que estudam neste colégio são inimigos da TEV (Torcida Esquadrão Vilanovense), revólver de plástico. (autor desconhecido, 2004).

A figura anterior revela a contradição presente no urbano, a violência. É a bermuda de marca, o tênis da moda, o jeans “*maneiro*”, o braço do violão, o

edredom na cama, o piso de cerâmica que refletem uma condição de estabilidade econômica. Mas, ao mesmo tempo, o revólver mostra que no mundo da metrópole a violência urbana se acha presente em todos os segmentos sociais.

2.4 A minha galera

Nunca se faz uma idéia exata de como as outras tribos nasceram mas, já que existem, elas são úteis, pelo menos como uma tela de projeção para as identidades negativas que são a contraparte necessária, se bem que sumamente incômodas, das identidades positivas. (Erikson, 1987, p.40)

Os jovens, se organizando através dos grupos de pichadores, perdem a identidade enquanto um processo de singularidade. Já que a individualidade do ser se dilui frente a um mente coletiva mais importante, que é a própria identidade do grupo. Desta maneira forma-se um grupo psicológico, no qual, ações sequer imaginadas em outras instâncias ou solitariamente, agora podem ser realizadas contando com a sensação de segurança que o pertencimento ao grupo faz sentir. Assim,

A peculiaridade mais notável apresentada por um grupo psicológico é a seguinte: seja quem forem os indivíduos que o compõem, por semelhantes ou dessemelhantes que sejam seu modo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o fato de haverem sido transformados num grupo, coloca-os na posse de uma mente coletiva que os faz sentir, pensar e agir de maneira muito diferente daquela pela qual cada membro dele, tomado individualmente, sentiria, pensaria e agiria, caso se encontrasse em estado de isolamento. (Le Bon apud FREUD, 1969, p.96)

O indivíduo frente ao grupo passa a responder aos anseios que os outros membros exigem. Sua forma de vestir, de agir, linguagem, etc., passa pelo crivo do grupo, que cria processos internos de regulação do aceito e não-aceito. Le Bon *apud* Freud considera que o indivíduo pertencente a um

grupo adquire novas características, explicadas por três razões. A primeira se dá pelo poder invencível que o grupo provoca no indivíduo, permitindo a exteriorização de instintos antes reprimidos. A segunda foi nominada de contágio, na qual os sentimentos e os atos são contagiosos, o interesse pessoal é menos importante que o do grupo e a ação de um membro do grupo incita a ação dos outros. Uma terceira causa, considerada pelo autor a mais importante é a sugestibilidade. Fenômeno que provoca no indivíduo o abandono da sua vontade, ou seja, da sua personalidade consciente, pela predominância de uma personalidade inconsciente do grupo.

Nos grupos de pichadores estas novas características do indivíduo que se insere em um grupo tornam-se evidentes. Na primeira, o sentimento de invencibilidade que o grupo provoca, gera um sentimento de impunidade frente à própria pichação e aos outros atos ilícitos que o grupo realiza, “ninguém mexe com a gente, aqui é UPR (União de Pichadores de Rua), irmão. Nós manda!²⁹”. As atitudes pessoais quando em grupo passam a ser acerbadas, dado o manto de invencibilidade que é gerado.

A segunda, através do contágio as ações dos indivíduos pertencentes ao grupo tendem a se uniformizar. Suas expressões e gírias se repetem, como exemplo, é usado “*comédia*” para aqueles que estão por fora ou que tentam entrar no grupo e não são aceitos. Um sinônimo para “*comédia*” é “*aba reta*”, fazendo alusão a aba do boné que todo pichador constantemente usa e que deve ser colocada em um copo para ficar dobrada. Os que não dobram a aba do boné são considerados pessoas idiotas ou adversários. No vestuário dos grupos de pichadores na cidade de Goiânia, que também pode ser observado em outras cidades, é constante o uso de tênis, boné de aba dobrada, calça rasgada ou bastante usada e colocada bem abaixo da cintura e pelo menos um piercing em alguma parte da cabeça. O movimento do corpo também permite reconhecer os pichadores, pois andam como se o esqueleto fosse desmontar a qualquer momento. Falam com aqueles que não fazem parte do grupo com profundo descaso e agressividade. Enfim, o contágio propaga estas formas simbólicas de representação. Lane (1989a), pondera,

²⁹ Frase resposta de um membro quando questionado na entrevista porquê faz parte da UPR. “Quebrado”, setembro de 2004.

A linguagem, enquanto produto histórico, traz representações, significados e valores existentes em um grupo social, e como tal é veículo da ideologia do grupo; enquanto para o indivíduo é também condição necessária para o desenvolvimento de seu pensamento (p. 41).

As formas de representação apresentadas anteriormente, como vestuário, gírias, gestos, fazem parte do veículo comunicacional, portanto, são vetores de propagação de sua ideologia. Nesta ideologia são visíveis o desejo de transmissão do descaso com a sociedade formal.

A terceira característica que o indivíduo atinge no grupo, considerada pelo autor como a mais importante, a sugestibilidade, a vontade do pichador enquanto ser singular fica encoberta. Os interesses dos grupos passam a ser a força primordial de sua ação. Cria-se uma expectativa ao comportamento do indivíduo, se esta expectativa não for cumprida é passível de sanções e até de expulsão do membro. Ao final de entrevista³⁰ com dois membros da UPR e o diálogo travado entre eles é emblemático para revelar tal fenômeno, “*vamu dá um rolé a noite?*” E o outro responde: “*Cê sabe que num tem jeito, meu pai tá na minha cola*”, recebendo a réplica, “*tá virando comédia.*”

Pode-se, ainda, considerar um mecanismo de intensificação da emoção, que isoladamente o indivíduo não conseguiria reproduzir as mesmas ações que expressa no grupo, Freud (1969). Neste mecanismo a violência se dissemina pelos pichadores, as armas aparecem, as guerras ou “*tretas*” entre galeras/gangues, o uso de drogas, etc. A pichação deixa de ser o único motivo do grupo, que adquire novas ações concomitantes a primeira. Abramovay et all. , comenta,

Esses grupos juvenis desenvolvem uma cumplicidade em torno de atos ilícitos dos mais variados tipos, são temidos e conhecidos no espaço público como desestabilizadores, sendo vistos como uma ameaça. As gangues reúnem-se para fazer pichações, roubar, brigar, depredar ou simplesmente “fazer confusão” (1999, p. 97).

³⁰ Realizada em junho de 2003. “*Quebrado*” e “*Molenga*”.

Em Goiânia, cada grupo se reúne em lugares de grande fluxo de pessoas, como praças, feiras ou *shopping centers*³¹. Alguns lugares como os *shopping centers* são lugares freqüentados por uma ou mais galera. O exemplo mais emblemático é o Goiânia *shopping*, que nos finais de semana recebe várias galeras de sua adjacência tornando palco de diversas disputas e brigas. Quando o indivíduo se encontra junto ao grupo, freqüentemente se sente dotado de um poder sobre-humano que ultrapassa o jugo da sociedade detentora do exercício da autoridade. O grupo permite dar vazão a toda angústia do indivíduo frente à dinâmica social proibitiva contemporânea. Junto ao grupo, ele se permite exacerbar as ações, muitas delas, agressivas a sociedade. Nesse sentido,

Um grupo impressiona um indivíduo como sendo um poder ilimitado e um perigo insuperável. Momentaneamente, ele substitui toda a sociedade humana, que é a detentora da autoridade, cujos castigos o indivíduo teme e em cujo benefício se submeteu a tantas submissões. (Freud, 1969, p. 110)

Utilizando uma classificação proposta por McDougall para os grupos, estes dividir-se-iam em não organizados e organizados. Os grupos não organizados apresentam-se como “excessivamente emocional, impulsivo, violento, inconstante, contraditório e extremado em sua ação, apresentando apenas as emoções rudes e os sentimentos menos refinados...” (McDougall *apud* FREUD, 1969, p.111). Para o autor, existem cinco condições para que se possa classificar um grupo em organizado. O primeiro, seria verificar a condição de continuidade da existência do grupo, mesmo que seja por um período definido. Na segunda, busca-se verificar o nível de compreensão dos membros em relação ao grupo, como natureza, objetivos, composição, hierarquia, etc. A terceira, é a diferenciação de um grupo pelo outro, o “eu e o outro”, principalmente no contexto da rivalidade. A quarta, são os ritos, rituais, costumes que particularizam cada grupo e determinam a relação dos membros

³¹ Informação coletada através do testemunho de diversos grupos de pichadores. A UPR (União dos Pichadores de Rua) se reúne no “Goiânia Shopping”. Os membros da TEV (Torcida Esquadrão Vilanovense) elegem “Shopping Flamboyant” como seu local. A ENG (Eterna Nação do Grafite) fica no “Shopping Buena Vista”.

entre si. Por último, que o grupo possua uma estrutura definida, existindo uma especialização e diferenciação de funções dos seus membros.

Os grupos de pichadores apresentam características das duas tipificações, tanto não organizadas como organizadas. Como não organizadas, agem pela rudicidade, violência, inconstância e contradição. Mas, agregam características de grupo organizado, ligados a rituais de ingresso, hierarquia, conduta moral e lealdade.

O ingresso e a permanência nas gangues são regidos por códigos de valores, freqüentemente associados a atividades ritualísticas: coragem, força, resistência, temeridade, lealdade ao grupo e impiedade para com os outsiders e adversários, obediência à liderança e às regras do grupo, como a lei do silêncio, astúcia ou “manha”, capacidade de liderança (Abramovay et al., 1999, p. 111)

Um dos entrevistados³², líder da SUR (Sempre Unidos Reinaremos) fala do ritual de iniciação na sua galera, “a gente reúne todo mundo e desce o pau para vê se agüenta, só pára a hora que o figura pedir. Se pedir antes de apanhar muito, a gente bate mais, pá deixa de sê besta”. Inquirido sobre o motivo deste ritual completa, “e se a gente tiver numa parada do mal e ele deixa nós na mão?”. Outro motivo deste ritual, “um dos intuitos dessas provações físicas é verificar se o jovem suportará apanhar sem denunciar ninguém, caso seja pego pela polícia.” (ABRAMOVAY ET AL., 1999, p. 112). A saída da galera é, também, bastante traumática. Sua saída pode ser considerada como sendo traição. “Quem deseja sair é malvisto, pode sofrer agravos físicos ou ter que pagar aos companheiros” (p. 113).

Outra forma de classificação dos grupos é proposto por Lane (1989b), com uma classificação dos grupos em função dos estágios alcançados. O primeiro estágio, “seria o de *grupo aglutinado*, no qual há um líder que propõe ações conjuntas e do qual os membros esperam soluções; é um grupo de baixa produtividade. O segundo seria “... o *grupo possessivo*, onde o líder se torna um coordenador de funções, e onde as tarefas exigem a participação de todos levando a maior interação e conhecimento mútuos”. Na terceira etapa, “temos o *grupo coesivo*, onde há uma aceitação mútua dos membros, o líder se

³² “Calado”, realizada em junho de 2003.

mantém como coordenador e a ênfase do grupo está na manutenção da segurança conseguida, vista como um privilégio”. Finalmente, “temos o *grupo independente*, com a liderança amplamente distribuída, pois o grupo já acumulou experiências e aprendizagens; os recursos materiais aumentam e as metas fundamentais vão sendo alcançadas, surgindo novas metas que visam o desenvolvimento pleno dos membros e das pessoas que se relacionam com o grupo. (Lane, 1989b, p. 80-81)

Normalmente os grupos de pichadores se mantêm como grupos possessivos ou aglutinados (nos quais o papel do líder e a sua presença são bastante destacados). Geralmente a liderança é exercida pelo membro fundador ou pelo mais forte. Para manter sua liderança, criam-se alguns “braços direitos” e, somente, estes, podem aprovar ou não a entrada de um novo membro. Abramovay et al. (1999) cita que,

O papel do líder é o de comandar o grupo, “as amizades”, e organizar a participação: marcar reuniões, conseguir armas, recolher fundos para as necessidades dos membros. Convocar o grupo para brigas em situação de conflitos com grupos rivais, estar presente em todas as brigas, proteger o grupo, “levantar a moral da galera”, “não deixar a galera cair” são também atribuições do líder. O líder é considerado um “pai” que não deixa acontecer nada de mau e de errado com seu grupo. No caso das gangues de pichadores, é o líder que escolhe e decide quais os locais viáveis e possíveis de serem pichados com segurança. O líder de uma gangue é sempre respeitado, admirado e está freqüentemente acompanhado, vive cercado de “paga-pau”: “tu vai prum lado, vai neguinho atrás”; “rola altas donas” (p. 116)

Em Goiânia, pela fala dos pichadores, existem vários grupos, muitos deles constituídos por um número reduzido de membros. Merecem destaque, primeiramente, alguns membros de torcidas organizadas que se antagonizam nas pichações, TEV – Torcida Esquadrão Vilanovense – e FJG – Força Jovem do Goiás – possuindo muitos subgrupos como já explicitado anteriormente.

Observa-se, também, alguns pichadores isolados que assinam a sigla de um dos grupos. Além destes, ocorrem os grupos de bairros, BF (Bairro feliz), BCO (Bombados do Criméia Oeste), BCL (Baixada Criméia Leste), MGC

(Moleques Grafiteiros do Criméia), SNF (Setor Norte Ferroviário), Depravados da Zona Sul, Demônios da Zona Oeste, entre outros. E os grupos que possuem uma distribuição territorial de alguns bairros ou áreas dentro da metrópole, como, UPS (União dos Pichadores Skatistas) e OPG (Organização dos Pichadores de Goiânia), GAP (Grupo da Arte Proibida ou Grupo Anti Playboy), PKS (Porrada Komi Solta), MAG (Mentes Atrás do Grafite), etc. Para clarificar quais os principais grupos que agem sobre Goiânia, nas entrevistas foi pedido que os pichadores citassem todas os grupos e os significados das siglas que está explicitado na tabela abaixo³³,

Tabela 01 – Siglas dos Grupos de Pichadores e Significados

Siglas	Significados
TEV	Torcida Esquadrão Vilanovense
FJG	Força Jovem do Goiás
EZO	Esquadrão Zona Oeste
NKR	Novo Komando de Rua
LGN	Legião dos Grafiteiros Noturnos
ENG	Eterna Nação do Grafite ou Escaladores Noturnos de Goiânia ou Eterna Nação Gangstar
NGP	Nação dos Grafiteiros e Pixadores
BF	Bairro Feliz
LF	Los Fissurados
UPS	União dos Pixadores Skatistas
DZS	Demônios da Zona Sul ou Depravados da Zona Sul
EUG	Epidemia Urbana do Grafite
KIG	Komando dos Infratores Goianos
GAP	Galera Anti Playboy
NUT	Nova União do Terror
FK	Facção Kriminosa
KAS	Komando da Arte Suburbana
EPM	Elite dos Poetas da Madrugada ou Eternos Poetas da Madrugada
GLP	Galera da Lei Proibida
UPG	União dos Pixadores de Goiânia
UPN	União dos Pixadores noturnos
KS	Komando Suburbano

³³ Algumas das siglas foram traduzidas de forma diferenciada e foi mantida a grafia dos pichadores apesar dos erros gramaticais.

GUR	Grafitadores Unidos pela Rua
EAP	Exército da Arte Proibida
FDS	Fodasse o Sistema
PA	Parque Anhanguera
GA	Grafitadores Anhanguera
KGN	Komando dos Grafitadores Noturnos
GZO	Grafitadores Zona Oeste
NGS	Nova Geração do sudoeste
UPR	União dos Pixadores de Rua
GNG	Grafitadores Noturnos de Goiânia
APJ	Assassinos Periféricos do Jardim
LDC	Loucos do Coimbra
DZO	Demônios da Zona Oeste
AGU	Amantes da Guerrilha Urbana
ALG	Assassinos da Legião do Grafite
GAG	Galera Amantes do Grafite
SUR	Sempre Unidos Reinaremos
GRA	Grafitadores Rebeldes em Ação
AGU	Anjos do Grafite Urbano
CGH	Comando Green House
GLP	Galera da Lei Proibida
GSS	Galera Setor Sul
PCJ	Primeiro Comando do Jardim
SPL	Setor Pedro Ludovico
GM	Galera do Marista
ASM	Anjos do Sub Mundo
RP	Rebeldes Pixadores
PKS	Porrada Komi Solta
EPM	Eternos Poetas da Madrugada
SGS	Skatistas Grafitadores Suburbanos
GMS	Grafitadores Malucos por Skate
NGS	Nova Geração do Sudoeste
VSN	Vila Sol Nascente
GS	Grafitadores Suburbanos
EAP	Eleitos da Arte Proibida
GAM	Galera Anti Mala
GPA	Grafitadores do Parque Anhanguera
MAG	Mentes atrás do Grafite
BCO	Bombados do Criméia Oeste
BCL	Bombados do Criméia Leste
MGC	Moleques Grafitadores do Criméia
SNF	Setor Norte Ferroviário

Fonte: Entrevistas realizadas com pichadores de diversos grupos, realizadas em 2003 e 2004.

Os grupos criam sistemas de rivalidades e alianças, que servem como mecanismo de legitimação e fortalecimento de suas ações. Segundo “*Ghost*”, “o MGC era o BCO-mirim, que depois virou MGC, mas que manteve a aliança com BCO. Agora, o BCO está morrendo e o MGC continua forte. A maior rivalidade do MGC é com o BF e a galera da TEV está passando para o BF”³⁴.

Estes sistemas funcionam como válvula reguladora da coesão e como forma de fidelidade ao grupo. Enquanto existir o outro, o grupo permanecerá coeso através do medo real ou não do possível inimigo. Ao mesmo tempo, a sensação de segurança dentro do grupo propicia o instrumento necessário para a fidelidade dos membros, “toda a oposição é externa ao grupo e deve ser mais ou menos permanente, para que haja a manutenção desses laços de coesão” (Gomes, 2002, p. 65). Construindo, assim, uma negação da identidade que confirme a mesma.

Participar do universo das pichações, ser membro de um grupo de pichação faz parte do cotidiano de alguns dos adolescentes do urbano, da metrópole. O próximo capítulo procura abordar o urbano e a relação dos grupos de pichadores com este, especificamente, Goiânia.

³⁴ Entrevista realizada no dia 02/07/2003.

Capítulo 03 – *Goiânia nós manda! Num teim pá ninguém!*

A sociedade contemporânea vive uma aceleração do tempo e espaço. A realidade da globalização impõe uma racionalidade homogeneizante a própria sociedade. De acordo com Carlos,

O aprofundamento da divisão social e espacial do trabalho busca uma nova racionalidade, uma lógica subjacente pelo emprego do saber e da técnica, da supremacia de um poder político que tende a homogeneizar o espaço por meio do controle, da vigilância, derrubando fronteiras administrativas, colocando em cheque [sic] os limites definidos entre espaços, subjugando formas culturais, transformando valores e comportamentos, na medida em que todas as pessoas entram ou têm possibilidade de entrar com o mundo todo, já que todos os pontos do planeta estão virtualmente ligados. (2001a, p.20).

Fruto de uma realidade global que substitui o valor de uso pelo valor de troca. Diante desta perspectiva, a metrópole possui uma função primordial, servir de elo de ligação entre o global e o local. Carlos cita que, “é a metrópole que assume a função de comando e de irradiação dessas transformações, isto porque a metrópole é o lugar de onde se lê, de forma privilegiada, o mundo urbano”. (2001b, p. 60). No mundo contemporâneo a metrópole se tornou o centro de captação, coordenação e irradiação das transformações que se impõe à sociedade.

A primeira parte deste capítulo será apresentado uma conceituação para o urbano. Que servirá de base epistemológica para inserir a discussão sobre Goiânia e a ação dos pichadores sobre a metrópole. Com relação aos pichadores, será analisado, comparativamente, o perfil destes com dados obtidos por uma pesquisa realizada pela prefeitura municipal de Goiânia.

3.1 O urbano e Goiânia

Na sociedade pós-industrial o tecido urbano dissemina pelo mundo da cidade e do campo. As relações no campo não estão desvinculadas ao mundo urbano. Para Lefebvre, “o *tecido urbano* prolifera, estende-se, corrói os resíduos da vida agrária” (1999, p. 17). As relações agrárias apresentam-se de tal forma imbricada com as relações urbanas que é impossível dissociar uma da outra, apesar de restar algumas formas residuais do campo de outrora como a agropecuária de subsistência. Nesta forma de produção, o tempo do homem é ditado pelo tempo da natureza: a hora de acordar (“*o galo cantou*”); de parar, quando o sol se põe (“*dormir com as galinhas*”); de plantar, quando as chuvas começam; etc. Cada vez mais, o imperativo do tempo urbano, em seu frenesi da busca da riqueza, domina as relações agrárias e as formas residuais estão postas como áreas de reserva de valor para no futuro próximo serem apropriadas pelo capital. Com isso, a clássica dicotomia campo-cidade se enfraquece, legitimando a expressão de Lefebvre para a sociedade contemporânea.

Trazidas pelo tecido urbano, a sociedade e a vida urbana penetram nos campos. Semelhante modo de viver comporta sistemas de objetos e sistemas de valores. Os mais conhecidos dentre os elementos do sistema urbano de objetos são a água, a eletricidade, o gás (butano nos campos) que não deixam de se fazer acompanhar pelo carro, pela televisão, pelos utensílios de plástico, pelo mobiliário “moderno”, o que comporta novas exigências no que diz respeito aos “serviços”. Entre os elementos do sistema de valores, indicamos os lazeres ao modo urbano (danças, canções), os costumes, a rápida adoção das modas que vêm da cidade. E também as preocupações com a segurança, as exigências de uma previsão referente ao futuro, em suma, uma racionalidade divulgada pela cidade (2001, p. 11/12).

A formação do urbano, como destaca este autor (1999), não está acabada, mas é um processo em via de concretização,

O urbano (abreviação de “sociedade urbana”) define-se portanto não como realidade acabada, situada, em relação à realidade atual, de maneira recuada no tempo, mas, ao contrário, como horizonte, como virtualidade iluminadora. O urbano é o possível, definindo por uma direção, no fim do percurso que vai em direção a ele. Para atingi-lo, isto é, para realiza-lo é preciso em princípio contornar ou romper os obstáculos que atualmente o tornam impossível (p. 28).

Cavalcanti (2001) apresenta que o espaço urbano é uma produção e, como produção não está posto. Deste modo, o espaço urbano não apresenta um papel estanque em relação à sociedade. Como se fosse apenas uma materialidade da própria sociedade. Donde se conclui,

Assim, falar em produção do espaço é falar desse espaço como componente da produção social em geral, que tem uma lógica, uma dinâmica que é própria dessa produção social, de um modo de produção da sociedade. Isso é diferente de falar em organização, que ressalta a forma e o aspecto técnico dessa, que destaca também um sentido de exterioridade frente ao modo de produção da sociedade, um sentido de neutralidade frente a esse modo de produção. (p. 15).

A *prática urbana* é considerada por Lefebvre (1999) como mecanismo de desvelamento e construção do urbano em questão, “cabe ao analista descrever e discernir tipos de urbanização e dizer no que se tornaram as formas, as funções, as estruturas urbanas transformadas pela explosão da cidade antiga e pela urbanização generalizada” (p. 29).

Neste urbano proposto, Goiânia representa a cidade explodida que se reconstrói numa urbanização acelerada e recente. Como exemplo, podemos comparar o dado estatístico do Censo de 2000 (Fonte: IBGE/Censo), relacionando a população total com urbana e rural. A população de Goiânia era

quantificada em 1.093.007 habitantes, enquanto a população urbana era de 1.085.806 habitantes, que representava 99,34% da população total. Portanto, a população rural era proporcionalmente insignificante e recoberta pelo tecido urbano citado por Lefebvre (1999). Assim,

A grande cidade explodiu, dando lugar a duvidosas excrescências: subúrbios, conjuntos residenciais ou complexos industriais, pequenos aglomerados satélites pouco diferentes de bairros urbanizados. As cidades pequenas e médias tornam-se dependências, semicolônias da metrópole. (p. 17).

Goiânia, considerada aqui como o urbano e a metrópole, apresenta estas múltiplas facetas propostas pelo autor. Proliferam-se conjuntos residenciais cada vez mais distantes, surgem ilhas segregadas do universo do cotidiano urbano (denominadas de condomínios fechados). As populações de diversas cidades pequenas e médias afluem para Goiânia na busca de mercadorias e serviços (mercantilização da cidade?), este raio de influência abrange uma área bastante significativa do território nacional.

Uma metrópole no mundo contemporâneo, onde as transformações são cada vez mais rápidas, serve de nó, de elo de ligação entre o global e o local. Os serviços e produtos do global se disseminam pelo território através da metrópole que serve de ligação. Carlos considera, “mas porque é a metrópole que assume a função de comando e irradiação dessas transformações [...]” (2001b, p. 60). Goiânia funciona como palco irradiador deste processo para uma significativa parcela do território brasileiro para as cidades do interior do estado e aos estados circunvizinhos. Principalmente,

para os estados que possuem uma rede de serviços e infraestrutura como da cidade citada.

3.2 Metrópole: contradi es

As picha es, de escrita incognoscível, são raras nas cidades pequenas e m dias.   interessante observar que este fenômeno se relaciona a dissocia o entre o mundo formal e o vivido na metrópole. O mundo formal representa a produ o de um espaço dominado pelas questões econ micas e políticas e o vivido se d  pela produ o do espaço pelas rela es do cotidiano, da rua e/ou do bairro. Portanto,

No mundo moderno a prática socioespacial revela a contradi o entre a produ o de um espaço em fun o das necessidades econ micas e políticas e ao mesmo tempo a reprodu o do espaço da vida social. (CARLOS, 2001a, p. 18).

Esta prática socioespacial mencionada pela autora encontra-se presente na sociedade contemporânea como um todo, independente do tamanho da cidade. Porém, como a metrópole apresenta um formalismo em suas rela es sociais maior que em outras cidades e esta contradi o se torna mais evidente. Desta forma,

A reprodu o da vida na metrópole se realiza na rela o contraditória entre necessidade e desejo, uso e troca, identidade e não-identidade, estranhamento e reconhecimento, que permeiam a prática socioespacial. (p. 18).

A contradição, em suas diversas facetas, é acirrada na metrópole. A roupa de marca, o carro do ano, a festa mais “bombada” possui uma significação maior. O valor de troca é mais valorado que o valor de uso. Ocorre uma tendência de se agrupar com seus pares e negar os que não são. É o jogo dialético da identidade e não-identidade.

Ao redor da cidade, mas também completamente subordinadas a mesma, existem as cidades “satélites”, que fazem parte da área metropolitana constituída em 1999, com 11 municípios. Como mostra a figura,

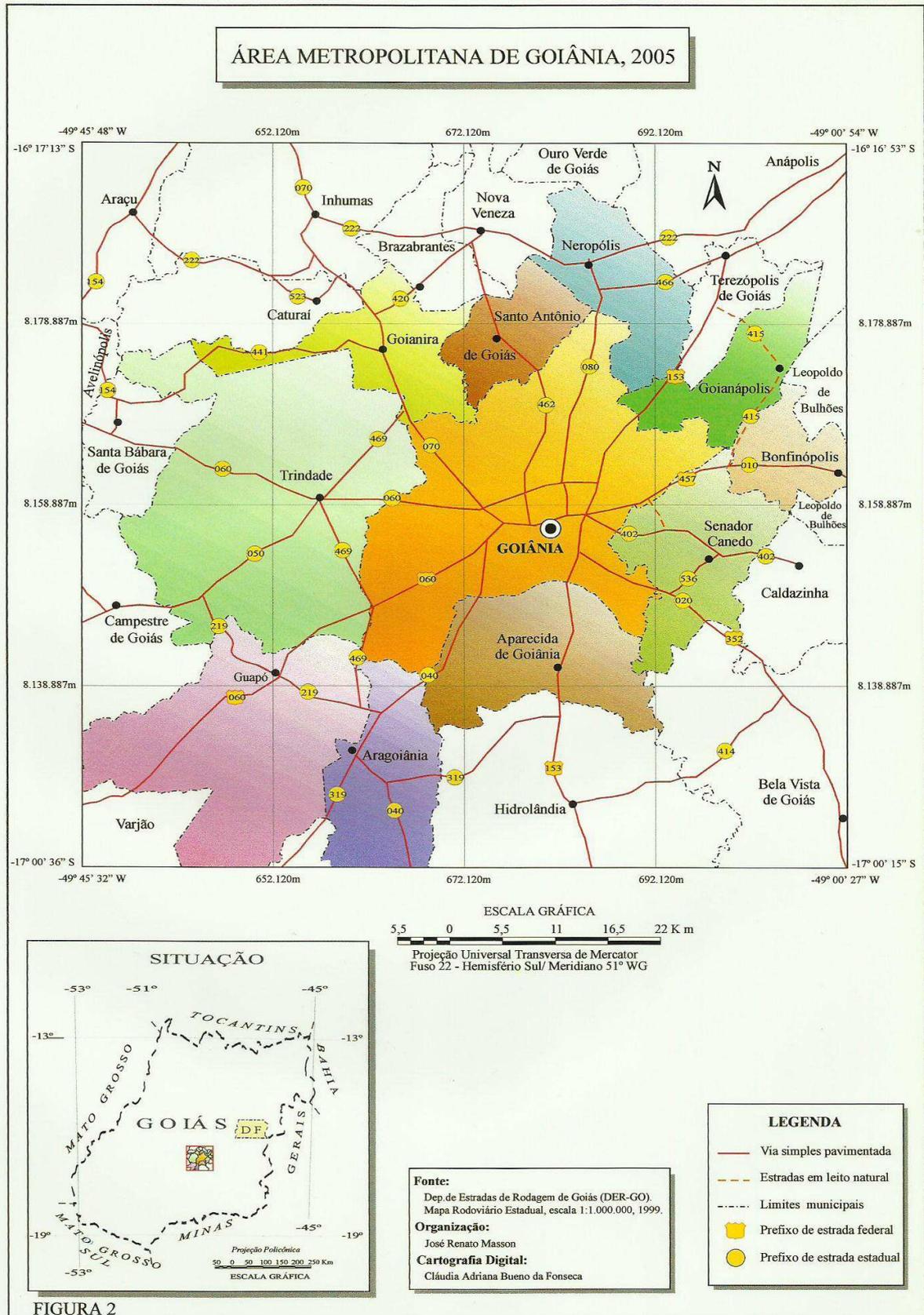


FIGURA 2

Cavalcanti (2001) ressalta que Goiânia não deve ser considerada apenas nos seus limites territoriais, considerando-se também os municípios do aglomerado urbano, que, Goiânia, no mapa anterior, representa a cidade grande, a metrópole, que possui a capacidade de exercer o controle frente as demais cidades da área metropolitana. Como cidade grande, as relações se tornam cada vez mais distantes e formais. Gomes (2002) ressalta que,

a grande cidade é a forma mais evoluída: ela dá inclusive início a uma nova era, durante a qual os princípios do direito, frios e formais, tendem a reduzir ao mínimo as relações “quentes”, do tipo familiar ou comunitário” (p. 111).

Assim, a metrópole provoca o distanciamento do indivíduo das relações do cotidiano. Este, acaba se isolando dentro das “prisões livres” da cidade. São os condomínios fechados, prédios com segurança máxima, carros blindados, etc. A possibilidade de socialização é bastante reduzida, quando não conflituosa. Carlos salienta que,

Os processos de transformações/renovações da metrópole trazem como conseqüência a perda da sociabilidade, o empobrecimento das relações sociais, na medida em que desintegram a vida urbana, porque limitam as possibilidades de apropriação. (2001c, p. 424).

Como os laços familiares e/ou comunitários se diluem na grande cidade surge a possibilidade da criação de novos laços como forma de identificar o sujeito. Os grupos de pichadores são uma das formas encontradas pelos jovens na tentativa de enfrentamento do racionalismo formal do urbano contemporâneo,

A “cidade grande” ou a metrópole, é o palco de todas essas “esquizofrenias”. Abriga os mais variados comportamentos e permite a mudança de papel e a alternância de estatuto pessoal. Os comportamentos são relacionais nas imprevisíveis trocas diárias que o cotidiano metropolitano nos impõe. A cidade dos indivíduos de interesses racionais e lógicos, do consumo e da produção em massa, superpõe-se à cidade dos grupos de afinidade, das tribos. Ela é o espaço do discurso geral e inteligível, o espaço das trocas, o espaço político por excelência, mas não é só isso. Ela é a o espaço das compartimentações, das pequenas comunidades, das lutas por um território de reconhecimento e da heterogeneidade de valores (GOMES, 2002, p. 124).

Participar de um grupo de pichação é uma forma de pertencer a uma das tribos que a metrópole produz, como Gomes comenta é sobrepor-se a racionalidade lógica da metrópole. Chaveiro (2002.) apresenta que ocorre um “desenraizamento promovido pela vida metropolitana” (p. 161). Se no mundo rural ou na cidade pequena ainda resiste um enraizamento das relações cotidianas da cidade e/ou família, na metrópole estas relações se diluem criando novas interações, denominadas tribos culturais. Maffesoli (2000) apresenta as tribos metropolitanas

Como, no sentido mais simples do termo, essas redes de amizade, que não têm outra finalidade senão reunir-se sem objetivo, sem projeto específico, e que cada vez mais compõem a vida quotidiana dos grandes conjuntos. (p. 35).

As tribos representam uma possibilidade de encontro do sujeito frente às relações impessoais que o cotidiano da metrópole desencadeia. Maffesoli (2000) afirma que o tribalismo tem como cimento os fatos rotineiros que desencadeiam o “sair de si”, é a festa do amigo, o barzinho da turma, etc.

Geralmente o desenraizamento promovido pela vida metropolitana, fazendo coexistir diferentes identidades, muitas tidas como anômalas, esculpe novos sentidos de interações dos agentes das cidades, além de endereçar e estimular novas interações espaciais pelo viés da

fragmentação contínua. Por outro lado, à medida que a metropolização se apresenta como um processo configurador de mudanças sociais que ocorrem, muitas vezes, além do próprio limite da cidade, da região e mesmo do país – pois é papel da metrópole ser um nó da rede do ethos hegemônico do mundo – o espaço metropolitano fragmentado cria uma diversidade de tempos e condutas relativos aos diferentes tipos de sujeitos e seus respectivos usos que fazem da metrópole (CHAVEIRO, 2002, p. 161).

A metrópole-aglomeração possui, também, o papel de fragmentação, “embora a cidade seja una, relativa a sua condição de aglomeração urbana, as diferentes esferas sociais que a compõem, estabelecem, dentro dela, territórios ou territorialidades específicas e diferenciadas” (p. 186). O autor ressalta que esta diferenciação se dá por dois aspectos: acessibilidade/organização do espaço e identidades culturais. No primeiro aspecto, em Goiânia, existem diversos “subcentros” na metrópole que funcionam como áreas de consumo e lazer para diferentes grupos sociais.

As identidades culturais formam suas tribos como mecanismo de buscar identificar-se, reconstruir o cotidiano para se contrapor ao formal da metrópole. Além daqueles que ainda possuem laços familiares herdados da ancestralidade rural presente ou de uma religiosidade que o grupo de jovens da igreja consegue manter a afinidade, os jovens em Goiânia cada vez mais se tribalizam, São diversas tribos que parcelam o território da metrópole, público que se torna privado ou privado que continua privado. Existe a tribo do “reggae” que se encontram nas festas em chácaras, onde a coerção da maconha é menor ou nula. São as várias tribos do rock pesado que fazem as tardes de sábado em um parque da metrópole (Vaca Brava) como um dos pontos de encontro, também uma feira pública de roupas, comidas e artesanatos do domingo a tarde (Feira do Sol). A tribo da música popular

brasileira que realiza seus “cervolões” (cerveja e violão), normalmente na casa de um dos membros as sextas ou sábados. As figuras a seguir ilustram algumas das tribos da metrópole,



Foto 11: “Cervolão”, realizado em 06/11/2004 (Masson, José Renato).



Foto 12: festa em uma chácara no setor Jardim Novo Mundo, tribo do “reggae”. (Masson, José Renato, 2004).

Com isso, “o território próprio ao grupo é concebido como um terreno onde as regras que fundam a identidade gozam de uma absoluta e indiscutível validade” (GOMES, 2002, p. 180/181). E cada tribo exclui a outra ou pelo menos, despreza as demais. Portanto,

O espaço é sob essa dinâmica, sempre objetos de conflitos, pois estabelecer um território de domínio de um grupo significa a afirmação de sua diferença em oposição aos demais. Esse fenômeno é também conhecido como tribalização e é em parte o responsável pela transformação da imagem da cidade contemporânea. (p. 181)

Como a estas tribos se associam algumas atividades consideradas ilícitas – uso de drogas, expressões vulgares, tatuagens, etc. – os territórios formados podem ser considerados marginais. Para Chaveiro,

A participação desse tipo de espaço na constituição de valores, gostos e desejos contribui para formar “territórios marginais” com códigos próprios de atuação e convivência dos indivíduos que fazem parte desses territórios, reforçando a tese de que a “fragmentação do tecido socioespacial” na região metropolitana, possui um sentido subjetivo que se aglutina às tendências sociais que hegemonomizam-se no mundo. (2002, p. 199)

Para entendermos o termo território marginal, precisamos antes de tudo abandonar todo preconceito construído sobre o termo marginal, buscar a essência do objeto. Estar na margem pode “ser entendido como tudo aquilo que foge ao imposto pelo processo de desenvolvimento da produção sob a esmagadora influência do processo técnico” (Carlos, 1999, p. 370). Refletindo sobre este conceito de território marginal como aquilo que foge à dinâmica capitalista, mas que também se interage e resiste a esta, produzindo um significado próprio, sua particularidade dentro da universalidade. É a luta por uma identidade própria que permita dar significação ao cotidiano das pessoas, que produzem uma paisagem simbólica própria que olhada a distância não permite à apreensão de seus significados.

Para os pichadores fazer parte do “grupo marginal” é uma forma de proteção à cidade e a violência da mesma. A tribo gera uma sensação de segurança, de reconhecimento e de transgredir o urbano. Os grupos de pichações, para Maffesoli (2000), são nomeados como neotribalismo, pois ocorre uma presentificação extremada em suas relações sociais. O neotribalismo “[...] recusa reconhecer-se em qualquer projeto político, não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão ser a preocupação com um presente vivido coletivamente.” (p. 105). Nas falas dos pichadores esta

perspectiva se mostra reveladora, quando questionado o motivo da formação do grupo e de suas ações é recorrente a resposta “por curtição”. “Cotonete” vai mais adiante, “*Tem mulheres que pagam pau. E você fica feliz de ver seu apelido no muro*”³⁵. A falta de objetivos políticos explicitada por Maffesoli (2000) está presente na fala do pichador. A pichação é realizada para aparecer frente às mulheres e seus pares.

Em contrapartida o urbano, principalmente as grandes cidades, possui uma faceta de mistério onde o indivíduo é dissociado das decisões da própria formação da cidade. Assim,

A cidade, o urbano, também é o mistério, o oculto. Atrás da aparência, e sob a transparência, empreendimentos são tramados, potências ocultas atuam, sem contar os poderes ostensivos, como a riqueza e a polícia. Até nova ordem, ao urbano nunca falta um lado repressivo, que provém do que nele se esconde, assim como da vontade de manter os dramas velados, as violências latentes, a morte e a cotidianidade. Esse lado repressivo incorpora-se nas concepções do espaço. Ele nutre a transgressão. (LEFEBVRE, 1999, p.113).

A resposta dos grupos de pichação a esta cidade misteriosa se constitui através da formação de guetos. Maffesoli (2000), considera que,

[...] o ghetto se insere no grande conjunto da cidade e ele mesmo serve de englobante para uma multiplicidade de subgrupos que se reúnem em função de seus lugares de origem, de suas preferências doutrinárias e culturais, como tantas tribos que partilham um território comum. (p. 188).

Os grupos de pichadores, em seu universo próprio dentro do urbano, representam um dos guetos constituintes de Goiânia. Cada grupo de pichação é uma “*neotribo*” do gueto.

³⁵ Entrevista realizada em março de 2005.

3.3 União dos Pichadores de Rua

O grupo União dos Pichadores de Rua – UPR – foi criado em 2002 através de membros oriundos de outros grupos, tais como, TRD (Terroristas Rebeldes Destruidores), ENG (Escaladores Noturnos de Goiânia), EAP (Exército da Arte Proibida), SDG (Skatistas Destruindo Goiânia). O grupo é constituído por cerca de 50 membros, na faixa etária de 10 a 23 anos. Que se reúnem durante a semana na praça C8 do setor Sudoeste e nos finais de semana nas proximidades do parque Vaca Brava no setor Bueno.

Os líderes deste grupo são “Vovô” e “Anjinho”, que são os idealizadores da formação deste grupo. Atualmente a liderança está centrada em “Vovô”. “Anjinho” – 15 anos – após tentativa de assaltar um automóvel foi baleado e encontra-se impossibilitado de andar.

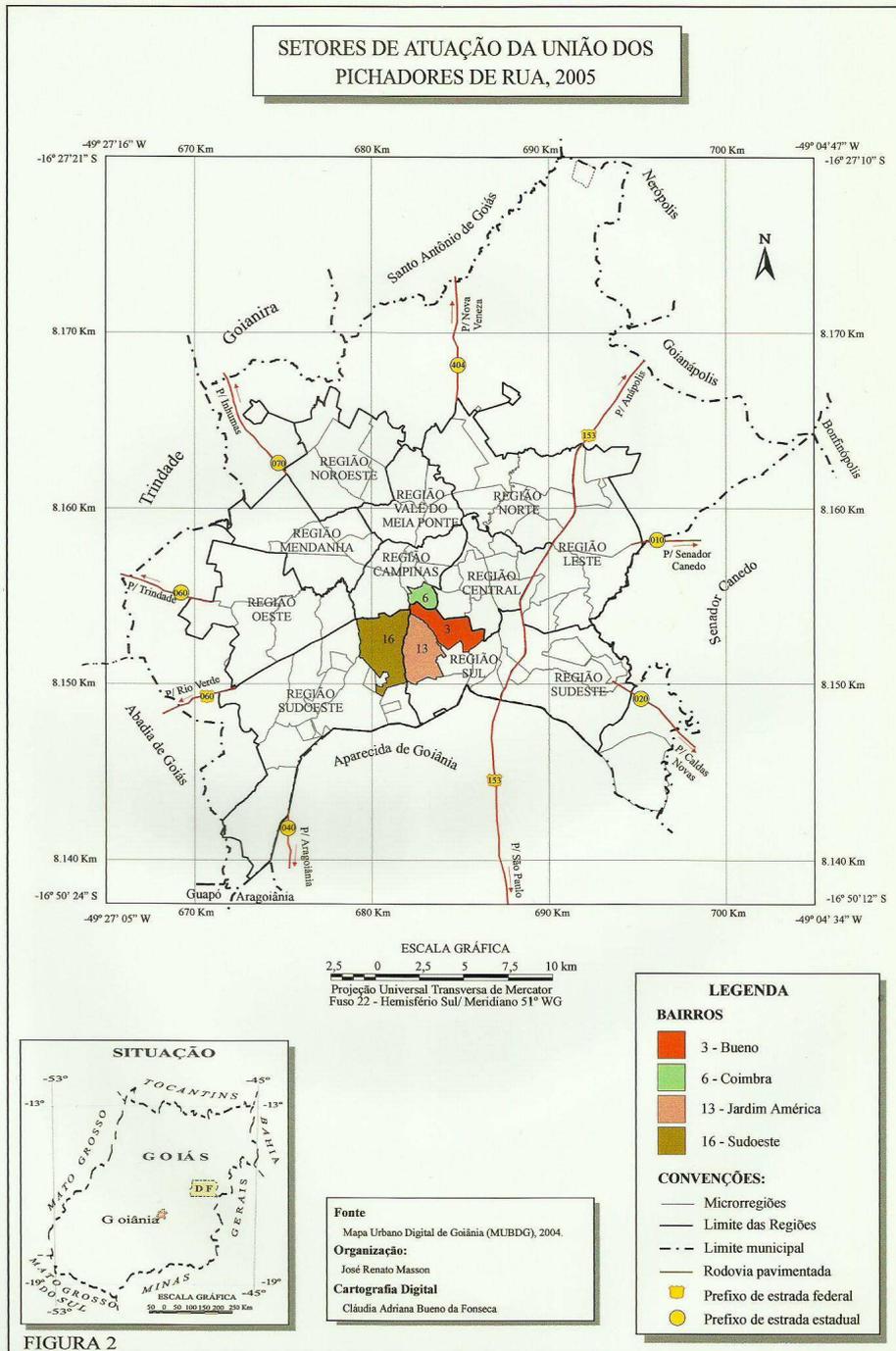
O território elegido pelo grupo como área de domínio é constituído por três setores próximos, setores Sudoeste, Coimbra e Jardim América. Estes setores representam o local de moradia da maioria dos membros do grupo. Estes bairros são ocupados, geralmente, por pessoas da classe média.

Em relação a este grupo sua maior aliança é com a Demônios da Zona Oeste. Este grupo considera como local de domínio, os setores Oeste e Coimbra. Os grupos que mais rivalizam com a UPR são GAP (Galera Anti Playboy), GNG (Grafiteiros Noturnos Goianos), ENG (Escaladores Noturnos de Goiânia), DM (Da Massa) e SPL (Setor Pedro Ludovico). “Cotonete” relata uma das brigas da UPR, “A gente tava no shopping, e um amigo nossa tava indo pro shopping. E os SPL bateram nele. A gente tomou as dores dele que batemos

neles em uma antiga escolinha abandonada de frente a Escola de Futebol Arte (na rua C-234 com a C-240).”³⁶

O mapa a seguir mostra os setores relacionados a caracterização do grupo

³⁶ Membro da UPR, entrevista realizada em fevereiro de 2005



3.4 Os jovens da prefeitura e os jovens da UPR

A Prefeitura Municipal de Goiânia através da Secretaria Municipal de Planejamento, Departamento de Ordenação Sócio-econômico em agosto de 2001, publicou uma pesquisa denominada de “Radiografia Sócio-econômica do município de Goiânia” e nesta, um dos itens é chamado de “Perfil da Juventude Goianiense”. Numa parte desta é explicitada a situação da juventude goianiense. Ela foi realizada durante os meses de junho e julho de 2001, por amostragem, com uma amostra de 601 jovens. Como jovens a pesquisa considerou a faixa etária dos 15 aos 24 anos.

Através dos resultados obtidos busca-se analisar o perfil dos jovens comparando-os com os participantes do grupo de pichação denominado de União dos Pichadores de Rua.

Para o grupo de pichadores, a sua população é cerca de 50 membros³⁷. Destes foram entrevistados três, que pela antiguidade na participação no grupo, possibilitou a obtenção de dados que permitiram a comparação com os dados da pesquisa realizada pela prefeitura.

A situação escolar dos jovens de Goiânia demonstra que a grande maioria dos jovens está estudando (como demonstra a figura a seguir). O grupo de pichadores seguem esta tendência, sete não estão estudando, “os cara largou a escola porque era tudo burro, só bomba”³⁸. Ou seja, 86% estudam.

³⁷ Não se consegue o número exato dos membros devido a rotatividade do grupo. Segundo os líderes, alguns membros fazem parte de mais de um grupo.

³⁸ “Cotonete”, fevereiro de 2005.

Tabela 2 – Situação escolar dos Jovens de Goiânia

Situação escolar	Frequência	%
Está estudando	382	63,6
Não está estudando	217	36,1
Nunca estudou	2	0,3
Total	601	100,0

Fonte: Pesquisa “Perfil da Juventude Goianiense”. Prefeitura municipal: junho e julho de 2001.

Um dado que reflete a diferença da condição sócioeconômica da amostra utilizada na pesquisa da prefeitura e o grupo de pichadores é com relação ao trabalho. Enquanto o perfil dos jovens de Goiânia mostra que 48,1% estão trabalhando (tabela 3), no grupo apenas 16% trabalham.

Tabela 3 – Situação dos Jovens de Goiânia em relação ao trabalho

Situação	Frequência	%
Está trabalhando	289	48,1
Nunca trabalhou, nem procurou trabalho	90	15,0
Nunca trabalhou, nem está procurando trabalho	56	9,3
Já trabalhou e está desempregado(a)	166	27,6
Total	601	100,0

Fonte: Pesquisa “Perfil da Juventude Goianiense”. Prefeitura municipal: junho e julho de 2001.

Com relação a renda individual dos jovens que trabalham no diagnóstico do município, esta fica difícil de comparar com o grupo. Esta dificuldade se deve a reduzida quantidade de trabalhadores presentes no grupo de pichadores e a atividades ilícitas que alguns dos membros deste grupo realizam. Segundo os entrevistados, dez membros participam do tráfico de drogas, que geram ganhos superiores a R\$1.000,00. Inquiridos sobre o perfil daqueles que participam do tráfico, os entrevistados usaram a expressão “os *quebrados*”, designando aqueles que não possuem condições econômicas favoráveis. Outro motivo destacado para o uso de drogas, “*cotonete*” ressalta

que “*as girls paga a branca em boquete*”³⁹. Convém destacar que no perfil traçado pela prefeitura percebe-se que a grande maioria ganha até 3 salários mínimos,

Tabela 4 – Renda mensal individual dos Jovens de Goiânia em relação ao trabalho

Rendimento mensal	Freqüência	%
Até 1 S.M.	99	34,3
Mais de 1 a 2 S.M.	98	33,9
Mais de 2 a 3 S.M.	52	18,0
Mais de 3 a 5 S.M.	21	7,3
Mais de 5 a 8 S.M.	11	3,8
Mais de 8 a 10 S.M.	4	1,4
Mais de 10 S.M.	1	0,3
Não é remunerado	2	1,0
Total	601	100,0

Fonte: Pesquisa “Perfil da Juventude Goianiense”. Prefeitura municipal: junho e julho de 2001.

Um dos itens pesquisado pela prefeitura é sobre as formas e freqüências de diversão dos jovens da cidade. Neste item percebe-se a predominância de encontro na casa de amigos e eventos religiosos (tabela 5). Nas principais atividades realizadas pelos jovens do grupo, estão irem ao Goiânia *shopping*, encontrar os membros do grupo na praça, assistirem aos jogos em estádios de futebol, freqüentarem barzinhos e boates e encontros na casa de amigos. Destes os dois que recebem mais destaque são os primeiros citados. Nota-se uma nítida predominância dos pichadores em realizar atividades ligadas a pichação. Uma vez que o *shopping* citado é uma área de confluência de diversos grupos, como foi relatado anteriormente. A praça representa a sede da territorialidade exercida pelo grupo, o que também foi discutido no capítulo 2.

³⁹ Entrevista realizada em fevereiro de 2005. Branca, gíria usada para cocaína. Boquete, sexo oral.

Tabela 5 – Formas e freqüência de diversão dos Jovens de Goiânia

Formas de lazer (pelo menos uma vez por semana)	Freqüência	%
Show sertanejo	24	4,0
Show de música pop/rock	23	3,8
Apresentação de música clássica	4	0,7
Festas Funk	40	6,7
Danceteria	78	13,0
Teatro	10	1,7
Museu/Galeria de arte	6	1,0
Barzinho/Choperia	194	32,3
Futebol em estádio	35	5,8
Circo	2	0,3
Biblioteca	129	21,5
Futebol de rua	140	23,3
Eventos religiosos	257	42,8
Cinema	65	11,0
Academia	109	18,1
Encontros na casa de amigos	331	55,1

Fonte: Pesquisa "Perfil da Juventude Goianiense". Prefeitura municipal: junho e julho de 2001.

Dos dados comparativos entre a pesquisa pela prefeitura e os obtidos com os pichadores permitem concluir que este grupo possui algumas semelhanças com o perfil dos jovens. Porém em algumas situações as divergências são significativas. Como a maior parte das atividades dos pichadores é realizada no período noturno, conclui-se que existe uma maior permissividade com os horários do que ao total dos jovens. A figura abaixo é emblemática,

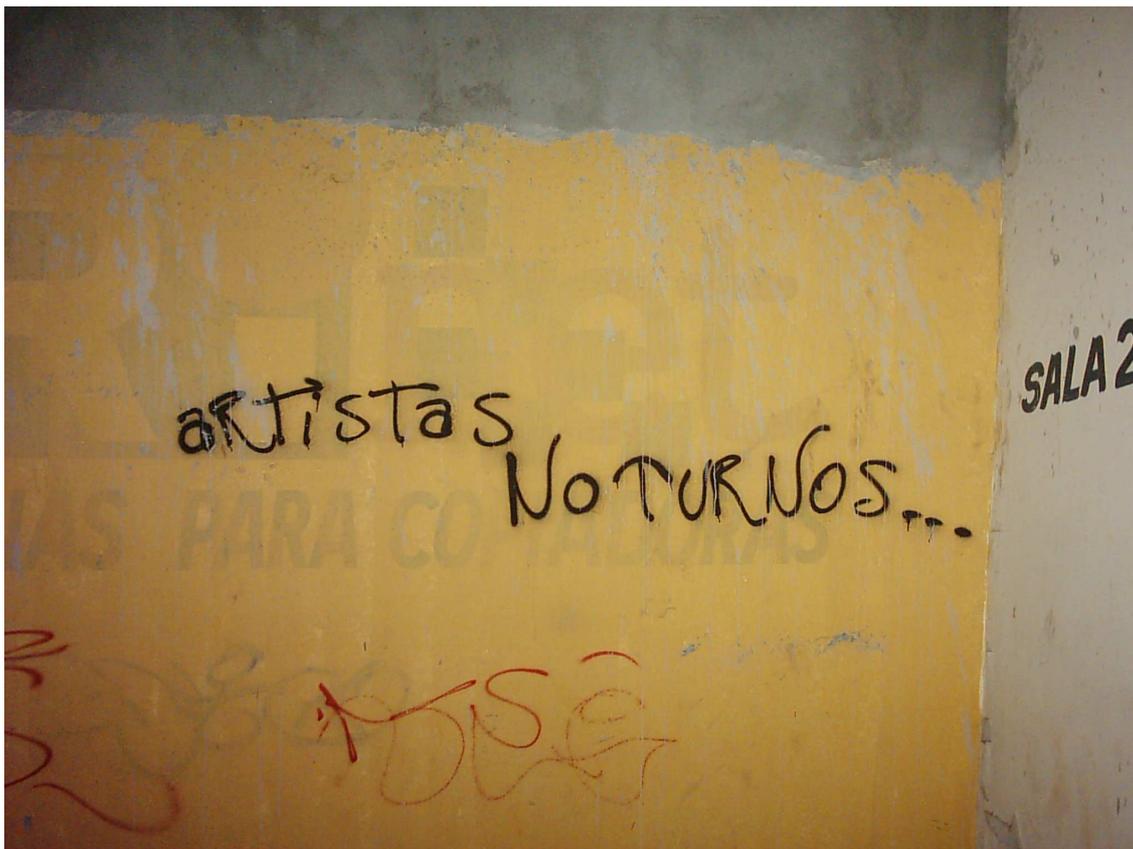


Foto 13: parede do setor Universitário (Masson, José Renato. 2005).

Outra diferenciação do grupo com a pesquisa da prefeitura se dá no sentido do descaso da participação religiosa. Os pichadores dão pouca importância a eventos religiosos, que foi tratado com profunda ironia para aqueles que participam dos eventos. Esta atitude pode ser explicada devido a necessidade de se parecer rebelde face aos seus pares, trata-se, como foi discutido anteriormente, uma forma de representação na busca da construção de identidade.

Sobre a mesma ótica, de uma construção da identidade-rebelde, percebe-se um profundo desesperança com a perspectiva do futuro. Nenhum dos entrevistados confirmaram o otimismo que a pesquisa realizada pela

demonstrou (tabela 6). Segundo “Quebrado”, *“picho é caixão ou rotam”*⁴⁰. Talvez o discurso apresentado não coincida com a realidade, pois a maioria dos membros estuda.

Tabela 6 – Expectativa dos Jovens sobre o futuro segundo alguns aspectos

Aspectos	Vai melhorar		Piorar		Ficar como está		NS/NR		Total	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
Trabalho	139	69,5	11	5,5	28	14,0	22	11,0	200	100
Escola	172	86,0	4	2,0	16	8,0	8	4,0	200	100
Relacionamentos afetivos	166	83,0	4	2,0	28	14,0	2	1,0	200	100
Formas de lazer	159	79,5	3	1,5	38	19,0	-	-	200	100
Bairro de moradia	132	66,0	12	6,0	55	27,5	1	0,5	200	100
Cidade de Goiânia	151	75,5	11	5,5	35	17,5	3	1,5	200	100
Vida pessoal	191	95,5	1	0,5	8	4,0	-	-	200	100

Fonte: Pesquisa “Perfil da Juventude Goianiense”. Prefeitura municipal: junho e julho de 2001.

Também, porque algumas de suas pichações sejam atos contestatórios do próprio sistema. “Cotonete” fez questão de lembrar a pichação na parte superior da parede da frente da mais cara academia de musculação de Goiânia, a Átrio. Questionado pelo motivo de pichar neste lugar de difícil acesso, apresentou a seguinte resposta, *“é pra mostrar para os bombado quem manda. As mulheres pagam pau e você fica feliz de ver seu apelido no muro”*⁴¹. Uma pichação de contestação do sistema pode ser observada na foto 14,

⁴⁰ Novembro de 2004.

⁴¹ Fevereiro de 2005.



Foto 14: parede da Anatel – Agência Nacional de Telecomunicações – no setor Marista (Masson, José Renato. 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pichadores constroem o território da metrópole. Esta afirmativa, que a princípio, pode ser considerada uma redundância, pois todos os habitantes estão continuamente construindo o território no qual se inserem. É, por outro lado, bastante significativa. A dissertação almejou clarificar esta construção. O desenvolvimento da mesma buscou unir a forma e o conteúdo que esta construção provoca sobre a metrópole.

A pichação representa a parcela visível desta construção supra citada. Sua objetivação pode ser explicada de diversas formas. Primeiramente, como uma ação perigosa que gera adrenalina contra as forças dominantes e repressoras. Esta ação pode encontrar paralelismo no cotidiano dos jovens das cidades pequenas. É apertar a campainha e sair correndo, estourar rojões na casa do idoso ranzinza, entre outras. Um dos entrevistados disse que *“tinha um véio que botou cano para mim porque teve um traíra que me dedurou⁴²”*. A pichação possui este aspecto de insubmissão. Porém, as tensões sociais que marcam as relações na metrópole são mais violentas e o desconhecer o outro – na cidade pequena era reclamar com os familiares – provoca reações de enfrentamentos muito mais severos.

Outro fator a considerar sobre a ação de pichar é a demarcação territorial. Visa demonstrar aos demais moradores da metrópole, um símbolo de propriedade sobre o território. Para aqueles que não participam do cotidiano da pichação representa um grupo de vândalos que enfeiam a estética urbana, mas

⁴² Cotonete, fevereiro de 2005.

que assim, são notados. Frente aos outros pichadores, cada pichação significa marcar posição de destaque, mostrar sua capacidade de driblar a repressão dos órgãos de vigilância.

Também, a pichação demarca o território do grupo, separando o que pertence ou não. Destas, é possível perceber a atuação territorial do grupo na metrópole e os adversários deste grupo. Neste sentido, é possível distinguir as pichações de confirmação de território e de anulação dos adversários. Além disso, as pichações de anulação servem para desafiar outros grupos ou um pichador em específico. Dependendo da situação, o grupo ou pichador adversário com a anulação estará fazendo um desafio que será resolvido através de uma briga em locais de confluência dos pichadores. Muitas brigas que afligem as escolas brasileiras são reflexos destes desafios.

E finalmente, sobre a objetivação da pichação, está presente a vaidade. Existe uma admiração estética da letra distorcida. Os outros jovens, membros ou não dos grupos, admiram aquele que consegue fazer uma letra considerada bela. Isto representa status para o pichador, *“as muié paga pau pra gente e os comédia fica tudo babando”*⁴³.

Cada grupo estabelece uma territorialidade para a constituição do território. A territorialidade do grupo é exercida de diversas maneiras. Entre estas, destaca o vestuário dos membros, a forma de falar e andar, seu comportamento. Suas estratégias para conquistar e manter o território. Até mesmo, os instrumentos de comunicação usados pelos pichadores. Muitos deles, utilizam meios informacionais como a *internet, fotoblog, messenger*

⁴³ *Miúdo*, entrevista realizada em setembro de 2004.

entre outros, para marcar suas reuniões e decidir o local de suas pichações. Outros grupos criam rituais bastante sofisticados para o ingresso ou saída de membros. Estes rituais servem para manter a fidelidade e lealdade.

Outra função da territorialidade exercida é o sentimento de pertencimento do território. Suas estratégias territoriais garantem a unidade dos membros e visam tornar os outros grupos adversários no território.

Ocorre a constituição de territórios identitários. No qual os pichadores se reconhecem frente a metrópole. Pois esta, apesar de todo o distanciamento que as relações capitalistas impõem, passa a fazer parte das relações cotidianas destes pichadores. E para tal, a pichação é uma forma de personificar a metrópole. Mesmo algumas denominações dos grupos demonstram a necessidade de identificação com o território ou parcela deste, como pode ser observado na tabela um. O grupo para os pichadores passa a ser o ponto de referência, é uma identidade coletiva que permite se reconhecer perante o urbano posto e aos outros jovens.

Um questionamento interessante cabe a discussão sobre a marginalidade da ação dos pichadores. Por se tratar de uma atividade considerada ilegal suas ações recebem forte repressão policial. Como exemplo emblemático desta, em março de 2005 foram presos alguns pichadores líderes da Galera Amantes do Grafite. A ação policial foi motivada por uma frase desafio deixada no muro da polícia federal em Goiânia, *“na cara dos federais”*. Os quatro presos foram apresentados pela polícia e pela imprensa como responsáveis por oitenta por cento das pichações realizadas na cidade. Esta afirmativa contradiz o bom senso, pois se existem mais de sessenta grupos de

pichadores? Cabe ressaltar que a ação da polícia era apenas uma forma de demonstrar seu poder.

Outro fator que se destaca na marginalização do pichador é o uso de drogas. Como foi demonstrado nas entrevistas muito dos pichadores fazem uso de drogas. Mas é possível questionar se a utilização das drogas não é um hábito de diversos jovens independente de pichar ou não. Neste sentido, poderia se pensar nos participantes de festas do tipo “rave”, “reggae” ou qualquer outra.

O objetivo primordial desta dissertação nunca foi discutir a pichação com intuito de facilitar estratégias de combate às mesmas, sejam de caráter repressivo ou educativo. Mas desvelar o universo da pichação como objeto de estudo geográfico. Mas especificamente, discutir as ações dos pichadores face ao urbano de Goiânia. Porém, este estudo não esgota em si. Pretende-se que possibilite servir de ponto de partida para estudos posteriores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY; Mirian et al. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

ALMEIDA; Maria Geralda de. Territórios identitários e alteridade socioespacial. In: *Dimensões históricas da relação entre espaço e cultura*. Rio de Janeiro: União Geográfica Internacional, Comissão sobre o enfoque cultural na Geografia, 2003.

ARCE, José Manuel Valenzuela. *Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em Geografia cultural – Algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; CAETANO, Kati. *Das linguagens secretas aos segredos das linguagens*. In: *Arte e Cultura da América Latina*. Volume VIII, nº 1 (1º semestre de 2002).

CAPEL, Horacio. *Filosofia y ciencia em la Geografia contemporânea*. Barcelona: Barcanova, 1981.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A “margem” está no centro. In: CASTRO, Iná Elias de (Org.), MIRANDA, Mariana (Org.), EGLER, Cláudio A. G. (Org.). *Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Uma geografia da cidade – elementos da produção do espaço urbano. In: CAVALCANTI, Lana de Souza (org.). *Geografia da cidade: a produção do espaço urbano de Goiânia*. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001a.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. A metrópole polifônica – poliorâmica. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). *Urbanização e cidades: perspectivas geográficas*. Presidente Prudente: [s. n.], 2001b.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. O sentido da cidade: as possibilidades da análise geográfica. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). *Urbanização e cidades: perspectivas geográficas*. Presidente Prudente: [s. n.], 2001c.
- CD-ROM *Radiografia sócio-econômica do município de Goiânia*. Secretaria Municipal de Planejamento, Departamento de Ordenação Sócio-econômico – 1ª ed. – Goiânia: SEPLAM, 2002.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. *Goiânia, uma metrópole em travessia*. São Paulo: n. d. (tese de doutorado. Universidade de São Paulo).
- CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajatórias geográficas – 2ª edição* – Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2001.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ERIKSON, Erik H. *Identidade: juventude e crise*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

FOLHA DE SÃO PAULO. Editorial: Cidade pichada.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0107200303.htm>

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: *Edição Standart das Obras Completas de Sigmund Freud* (pp.91-179, vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMES, Paulo César da Costa. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GITAHY, Celso. *O que é grafite*. São Paulo: Brasiliense 1999.

HASBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: CORRÊA, Roberto Lobato (Org.); ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HASBAERT, Rogério. Des-caminhos e perspectivas do território. In: RIBAS, Alexandre Domingues; SPOSITO, Eliseu Savério; SAQUET, Marco Aurélio. *Território e desenvolvimento: diferentes abordagens*. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

LANE, Silvia T. M. *Consciência/alienação: a ideologia no nível individual*. In:

LANE, Silvia T. M. et al. *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1989a.

LANE, Silvia T. M. *O processo grupal*. In: LANE, Silvia T. M. et al. *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1989b.

LARA, Arthur Hunold. *Grafite: arte urbana em movimento*. 1996 (dissertação de mestrado: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo). <http://www.artgaragem.com.br>.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber*. manula de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LE BON *apud* FREUD, S. *Psicologia de grupo e análise do ego*. In: *Edição Standart das obras completas de Sigmund Freud* (vol. XVIII). Rio de Janeiro: 1969.

LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFEBVRE, Henry. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 3 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MATOS, Rogério Botelho de; RIBEIRO, Miguel Angelo Campos. *Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro*. In: *Boletim Goiano de Geografia / Instituto de Química e Geociência, Depto. de Geografia – UFG*. vol. 15, nº 1. Goiânia: Editora da UFG, 1995.

MCDUGALL *apud* FREUD, S. *Psicologia de grupo e análise do ego*. In: *Edição Standart das obras completas de Sigmund Freud* (vol. XVIII). Rio de Janeiro: 1969.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

- SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; et al (orgs.). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec e ANPUR, 1994.
- SILVA, Armando. *Imagínarios urbanos* – 4ª edição aumentada – Santafé de Bogotá: tercer mundo, 2000.
- SILVA, Jan Carlos da. O conceito de território na Geografia e a territorialidade da prostituição. In: ANGELO, Miguel. *Território e prostituição na metrópole carioca*. São João de Meriti, RJ: Ed. Ecomuseu fluminense, 2002.
- SILVA, Marinélia Sousa da; TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. Pichação, outro desenho na cidade. Universidade Estadual Feira de Santana. <http://departamentos.unican.es/digteg/ingegraf/cd/>.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.